

FERNANDO SILVA E SILVA

**HOMEM, LINGUAGEM E SOCIEDADE : NOTAS PARA UMA
ANTROPOLOGIA SEMÂNTICA**

**PORTO ALEGRE
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**HOMEM, LINGUAGEM E SOCIEDADE : NOTAS PARA UMA
ANTROPOLOGIA SEMÂNTICA**

FERNANDO SILVA E SILVA

Orientador : Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de licenciado.

**PORTO ALEGRE
2012**

Para Caroline.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sempre antes de tudo, à minha família.

Agradeço à Caroline, minha certeza.

Agradeço aos meus interlocutores : Vítor, Germana e Pedro.

Agradeço ao professor Valdir, não só pela orientação na escritura deste trabalho, mas pelos anos de pesquisa e discussão.

Agradeço ao professor Rodrigo, pelo exemplo.

Agradeço finalmente à UFRGS e ao IL, pela oportunidade de realizar com proveito meus estudos.

RESUMO

Este trabalho busca estabelecer as bases para uma antropologia semântica. Com essa denominação me refiro a uma teoria que tenha como fundamento a relação mútua entre homem, linguagem e sociedade, três aspectos do que chamamos humanidade, com uma origem que se confunde. Uma teoria que não se distancie das práticas de linguagem. Para tal, aqui, exploro algumas ideias de Émile Benveniste, linguista francês, as quais nos apontam alguns caminhos a seguir para a constituição de uma teoria renovada da linguagem. No primeiro capítulo, faço a crítica de algumas leituras de Benveniste, a saber, as de Aya Ono, Claudine Normand, Gerard Dessons e Henri Meschonnic, procurando mostrar como elas se posicionam em relação ao autor para falar da linguagem. No segundo capítulo, analiso os manuscritos de um artigo nunca publicado sobre o poeta Charles Baudelaire. Neles, o linguista, ao tentar definir o que é específico na poesia de Baudelaire, busca explicitar o que há de especial no funcionamento da linguagem poética. O terceiro e último capítulo faz o balanço dessas primeiras notas e aponta as vias que ainda podem ser trilhadas na obra de Benveniste para o pensamento de uma antropologia semântica.

Palavras-chave : linguística ; epistemologia ; Émile Benveniste.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à établir les bases pour une anthropologie sémantique. Par cette dénomination je fais référence à une théorie qui ait comme fondement la relation mutuelle entre homme, langage et société, trois aspects de ce que l'on appelle humanité, avec une origine qui se confond. Une théorie qui ne se distancie pas des pratiques du langage. Pour le faire, j'explore quelques idées d'Émile Benveniste, linguiste français, qu'indiquent des chemins à suivre pour la constitution d'une théorie renouvelée du langage. Dans le premier chapitre, je fais la critique de quelques lectures de Benveniste, à savoir, celles de Aya Ono, Claudine Normand, Gerard Dessons et Henri Meschonnic, je cherche à montrer comment qu'elles se positionnent par rapport à l'auteur pour parler du langage. Dans le deuxième chapitre, j'analyse les manuscrits d'un article qui n'a jamais été publié à propos du poète Charles Baudelaire. Là, lorsqu'il essaye de définir ce qui est spécifique dans la poésie de Baudelaire, le linguiste cherche à expliciter ce que le fonctionnement du langage poétique a d'extraordinaire. Le troisième et dernier chapitre fait le bilan de ces premières notes et indique les voies que l'on peut encore prendre dans l'œuvre de Benveniste pour penser une anthropologie sémantique.

Mots-clés : linguistique ; épistémologie ; Émile Benveniste.

“La distance à parcourir a moins d’importance que la direction où s’orienter.”

La classification des langues, Émile Benveniste

SUMÁRIO

Primeiras palavras	8
Introdução	10
1 Leituras de Benveniste	15
1.1 Aya Ono	17
1.2 Claudine Normand	25
1.3 Gerard Dessons	31
1.4 Henri Meschonnic	34
1.5 Considerações finais	38
2 Problemas da linguagem poética	40
2.1 Os manuscritos e a definição de poesia	41
2.2 Sobre Baudelaire	46
2.3 A poética de Benveniste	49
3 Uma antropologia semântica	52
Bibliografia	55

Primeiras palavras

A linguagem é o início da aventura humana. Foi *O* início há não sabemos dizer quanto tempo e continua a ser todos os dias. Ela é aquilo que fundou o homem enquanto tal. Qualquer tentativa de especular o que seria a experiência humana, a humanidade, fora do quadro da linguagem é abortada pelo simples fato de ser impensável. Irreal no sentido talvez mais literal do termo, isto é, como negação total da existência. Afinal, aquilo que existe no universo ficcional, por mais distante dos referentes mundanos ainda é passível de uma descrição, afinal, foi escrito. A experiência humana sem linguagem não o é. Observar animais e tentar inferir a possibilidade de um comportamento comunicativo sem linguagem já é um ato de linguagem. Linguagem e qualquer coisa que possamos chamar natureza humana se confundem.

É claro que nenhum homem, um dia qualquer, inventou a linguagem para pensar com seus botões, ou falar consigo (seria possível haver um fascínio pela voz, um canto, pré-significação?). Ela só é possível em diálogo, isto é, na troca. Por isso linguagem presume sociedade. Não entendida aqui, ainda, como conceito técnico, mas simplesmente sociedade. Isto é, um agrupamento humano, que só ganha o seu sentido de agrupamento, quer dizer de comunidade, na e pela linguagem. Este é o escopo (diria “verdadeiro” se não reconhecesse a inutilidade do adjetivo) de *enunciação* na obra de Émile Benveniste. É claro também que a linguagem não surgiu pouco a pouco. A significação só poderia surgir de um único golpe. Se a linguagem foi o resultado de alguma evolução que possibilitou nossa continuidade como espécie, como se gosta de tudo explicar em nossos dias, tanto faz. O fato é que o homem surgiu junto com ela.

A força, e talvez audácia, epistemológica dessa proposição é que não existe entre estes três conceitos essenciais uma relação entre continente e contido. Não é possível dizer que a sociedade é formada quando humanos agrupam-se e que estes humanos usam a linguagem como instrumento de comunicação (graficamente: sociedade > homens > linguagem). O que existe entre eles é uma relação de mútua implicação, e a ilusão do contrário seria apenas mais uma das possibilidades que a faculdade da linguagem nos oferece. A exploração da linguagem por Benveniste, por meio do que ele chamava de “problemas”, consiste em demonstrar e entender o que quer dizer esta relação trinária. Esta é a aventura que a sua linguística propõe.

Diferente de linguistas que tiveram a oportunidade e mesmo o desejo de reescrever e reformular suas proposições nos termos de edifícios conceituais e modelos de análise, a obra de Benveniste indica, muito antes de delimitar qualquer possibilidade de instrumentação, uma disposição geral perante a linguagem¹. Por isso, gostaria de propor uma leitura de sua obra não em um nível *micro*, isto é, que minimize o alcance das bases epistemológicas lançadas pelo autor em favor de um modelo de análise mais próximo do já existente em linguística. Mas sim em um nível *macro*, no qual se reconhece a heterogeneidade dos muitos trabalhos do autor e se busca a disposição epistemológica que permite que a todo tempo, em todas as análises e proposições, tenhamos certeza de que se fala da linguagem, logo humana, logo social, logo linguagem.

A vontade de verificar as condições de tal leitura tem origem na intuição, mais do que na constatação exaustiva, de que abordagens *micro* do pensamento de Benveniste, podem ter muito a nos dizer sobre a co-construção de uma referência discursiva, ou até servir de base para uma psicologia linguística, mas não estão abertas para uma pesquisa e um aprendizado sobre os vários modos de significar que constituem o homem. Acredito que em último nível o produto da leitura proposta aqui resultaria em algo que se poderia chamar de uma *antropologia semântica*.

¹ A história das críticas em relação à terminologia supostamente vaga de Benveniste revela isso. O vocabulário exploratório do autor muda frequentemente, tanto em função da evolução de suas concepções quanto pela natureza de cada objeto. Esta variação é considerada inconveniente por correntes científicas da linguística, mas a transformação dela aponta para uma abertura teórica muito diferente de, por exemplo, Louis Hjelmslev, o qual sublinha constantemente aquilo que é matematisável na língua.

INTRODUÇÃO

À primeira vista, o título deste trabalho pode provocar certa perplexidade. O estranhamento não é surpreendente. Afinal, o objetivo de organizar um certo tipo de antropologia se inscreve em um campo, a princípio, totalmente diverso daquele englobado pelos diversos caminhos de pesquisa proporcionados por um instituto de letras. No entanto, este não é de modo algum um projeto fora das preocupações dos estudos da linguagem. Pelo contrário, a intenção é de buscar uma relação mais legítima entre os fenômenos humanos e dentre eles o mais importante de todos, a faculdade de simbolizar. O esforço aqui é apenas o anúncio de um caminho, uma reunião de notas para o futuro desenvolvimento de tal abordagem.

Não desejo porém que este trabalho seja visto como uma abordagem interdisciplinar deste tema. A noção de interdisciplinariedade só é possível pois desde o século XIX viemos limitando as diversas áreas das ciências humanas e hoje estas repartições: antropologia, sociologia, linguística, etnologia e outras são vistas como evidentes, incluindo as diversas subrepartições destas. Entretanto, a acumulação de divisões artificiais gera uma crescente impossibilidade de abordar o grande fenômeno que temos à nossa frente. Malcom Crick, na sua obra *Explorations in language and meaning: towards a Semantic Anthropology*, fala da crise da antropologia britânica em palavras parecidas, referindo-se a um conceito que por muito tempo limitou a pesquisa na sua instituição, a universidade de Oxford, e no país : “certainly the long-term effect of the naivety thesis has been so to impoverish social anthropology that we now find ourselves lacking in the skills required to tackle confidently the intellectual difficulties which confront us” (p. 4)².

Assim, a delimitação epistemológica que canonizou uma linguística sem sujeito, sem sentido, só através de uma abordagem interdisciplinar poderia vir a falar sobre o homem. Crick propõe, partindo de certo desenvolvimento da antropologia e rejeitando igualmente as barreiras já estabelecidas entre os diferentes campos de pesquisa, sua antropologia semântica, explicando que “semantic anthropology is not an anthropology which simply emphasizes meaning more and function [usa a palavra referindo-se aos estudos dos funcionalistas britânicos] less. It is an

² Certamente o efeito a longo-prazo da tese da ingenuidade foi de tal empobrecimento da antropologia social que agora nos faltam as habilidades necessárias para lidar com as dificuldades intelectuais que nos confrontam (tradução minha).

anthropology rooted in the conception of human beings as meaning-makers” (p. 2-3)³. Ele ressalta que: “the label ‘semantic anthropology’ therefore must not be interpreted as the name of a new ‘school’ or as the announcement of a new subdiscipline. It refers only to an awareness that anthropology is necessarily a semantic inquiry” (p. 2)⁴. Assim, é por pressupor que a natureza do estudo do homem é necessariamente uma investigação simbólica e ao mesmo tempo da faculdade de simbolizar que Crick propõe uma reorientação da disciplina. Crick não menciona Benveniste uma única vez em seu trabalho, mas os dois, mesmo assim, apresentam uma conexão curiosa. É só através do trabalho de Ferdinand de Saussure que a antropologia semântica de ambos se faz possível, pelo reconhecimento da potencialidade epistemológica do conceito de valor saussureano.

Digo a antropologia semântica de ambos pois se poderia dizer que em Benveniste já existe uma forma de antropologia⁵, produto da mesma tomada de consciência de que todos os fenômenos humanos são fenômenos significativos. Na verdade esta “ciência geral da cultura” é algo que o autor explicitamente declarou buscar, “culturologia” esta nas linhas da semiologia Saussuriana, na forma de “une sémantique qui passe à travers tous les éléments de culture et qui les organise” (PLG II, p. 25)⁶. Para demonstrar claramente a possibilidade de tal leitura, porém, seria necessária uma leitura exploratória de seus trabalhos, adiando ao máximo a sua instrumentação, a qual não é realizada integralmente aqui.

Me limito neste trabalho a reunir as primeiras notas para um desenvolvimento futuro de tal abordagem. Assim, é mister ponderar sobre a pertinência do núcleo teórico que proponho, a mútua relação trinária entre homem, linguagem e sociedade. Este pressuposto essencial difere daquela abordagem mais recorrente que toma o ato enunciativo como centro organizacional da epistemologia de Benveniste e de outras que tentam acentuar o devir histórico de sua teoria, que se mantêm porém submissas à primeira, seja no espaço desenhado pela obra do linguista (cf. ONO, 2007 e *intra* p. 17), seja como resultado de desenvolvimentos teóricos de outros linguistas

³ A antropologia semântica não é uma antropologia que simplesmente enfatiza o sentido mais e a função menos. É uma antropologia enraizada na concepção dos seres humanos como criadores de sentido (tradução minha).

⁴ O rótulo “antropologia semântica”, dessa forma, não deve ser interpretado como o nome de uma nova “escola” ou como o anúncio de uma nova subdisciplina. Ele se refere apenas à consciência de que a antropologia é necessariamente uma abordagem semântica (tradução minha).

⁵ Pode-se remeter a diversos autores no que diz respeito a uma antropologia de Benveniste. Alguns destes, como Claudine Normand, Gerard Dessons e Henri Meschonnic, serão abordados no primeiro capítulo (cf. *infra* p. X). Dessons principalmente, em sua obra *Émile Benveniste: l'invention du discours*, sublinha que toda obra de Benveniste sempre foi uma grande antropologia.

⁶ Uma semântica que passa através de todos os elementos de cultura e que os organiza (tradução minha).

ou filósofos (cf. NORMAND, 1986 e *intra* p. 25). O primeiro capítulo, *Leituras de Benveniste*, retoma diferentes abordagens da obra do linguista cada uma com diferentes metodologias e objetivos. Como apontado nas palavras introdutórias, podemos pensar em leituras a um nível *micro*, as quais se preocupam sobretudo com os limites dos conceitos na obra de Benveniste, realizando uma leitura mais filológica (talvez genética seja o termo mais apropriado) do que epistemológica e estabelecendo fronteiras quase intransponíveis entre os diferentes domínios da linguagem explorados pelo linguista, e em leituras em um nível *macro*, as quais tentam estabelecer uma continuidade dos esforços do autor, sublinhando problemáticas similares nos diferentes temas abordados⁷. Nenhuma das leituras apresentadas, evidentemente, é a expressão pura dessas posições possíveis. Os polos sugeridos servem apenas como uma orientação de leitura, levando em conta que, para os propósitos do presente texto, prefiro a segunda abordagem.

O capítulo 2, *Problemas da linguagem poética*, apresenta alguns aspectos dos estudos de poesia de Benveniste no seu manuscrito *Baudelaire*. Nele, se vê vivamente uma crise de metalinguagem, na qual o poema mostra-se inapreensível por um modelo de análise semiótico e os contornos de uma análise do discurso que parte de novos métodos, deixando de lado a abordagem científica generalizante. Optei por apresentar esse texto de Benveniste neste trabalho no lugar de outros não porque ele apresente uma abordagem mais antropológica ou discursiva do que outros, na verdade se poderia dizer que ele é até mais conservador e limitado do que outros de seus textos, mas porque sua publicação recente gerou certa comoção na comunidade acadêmica que desenvolve seus trabalhos ao redor da obra do linguista e devido à importância do tema desses manuscritos, a especificidade da produção literária como fenômeno de linguagem, essa seria inevitavelmente uma passagem obrigatória para a constituição de uma antropologia semântica, enquanto uma teoria da linguagem que se coloca contra a abordagem corrente de separar estudos linguísticos e literários.

Dessa forma, os dois primeiros capítulos são de certa forma independentes um do outro e servem para apontar algumas estrelas de uma constelação incompleta, a qual tento indicar o desenho na conclusão. O terceiro e último capítulo, *Uma antropologia semântica*, busca delinear

⁷ Essa distinção entre *micro* e *macro* é sugerida por uma crítica dirigida a Martin Heidegger sobre o seu livro *Nietzsche*. Nele, o filósofo teria exagerado em sua tentativa de compreender Friedrich Nietzsche, criando mais uma versão pessoal do que um relato fiel do pensamento deste. Através de uma abordagem muito geral da obra, teria deixado escapar o devir específico de certos conceitos e noções.

os contornos de uma teoria que explore homem, linguagem e sociedade como elementos que se condicionam necessariamente. Benveniste me parece o melhor ponto de partida para a constituição desse pensamento, visto que dentro de toda uma geração de teóricos, ele foi o único que conseguiu, bem ou mal, ultrapassar a lógica do signo, não sendo o “movimento pós-estruturalista”⁸ mais do que uma forma de sua corroboração. O objetivo porém não é de indicar que essa teoria *É* a teoria de Benveniste, mas de mostrar o quanto ele pode ajudar nessa empreitada com os caminhos que abriu.

Uma série de desafios extraordinários também se colocam uma vez que queiramos falar da obra de Benveniste. Primeiramente, existe uma inacessibilidade física. O linguista escreveu mais de 300 textos (cf. ONO 2007), no entanto encontramos apenas meia centena destes propriamente editados e de fácil acesso, nos volumes intitulados *Problèmes de linguistique générale* I e II. A ilusão (sedutora) de unidade proposta por este arranjo, reforçada pelo fato de que Benveniste selecionou os textos do primeiro volume e aprovou a seleção feita para o segundo, deve ser encarada como tal, uma ilusão confortável. As centenas de artigos que estão editados em diversas revistas científicas desde a década de 1920, sem mencionar monografias, livros etc., obviamente não são irrelevantes para uma análise de amplo alcance de sua epistemologia, que se não foi explicitamente proposta em seus detalhes, foi ao menos praticada pelo autor em todos as problemáticas que propunha.

Em segundo lugar, existe uma marcada inacessibilidade intelectual. Principalmente no tocante a dois dos campos explorados por Benveniste, a saber, a filologia e a poética. As duas sofrem pela organização atual da academia. Ser linguista há tempos deixou de ser sinônimo de ser filólogo. O grau de separação varia de país para país e entre instituições, mas é um fato. Não é de se surpreender que um mesmo exorcismo tenha sido aplicado sobre a literatura (no entanto, talvez as coisas tenham acontecido em ordem inversa), a qual sempre foi parte integrante da filologia. Atualmente a linguística não trabalha mais *com* a literatura, mas *sobre* a literatura após

⁸ Denominação mais do que vaga, aqui refere-se especificamente a Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Derrida afirma que “Ela [a época do signo] não *terminará* talvez nunca. Contudo, sua *clausura* histórica está desenhada” (2004, p. 16, grifos do autor), mas como ele mesmo reconhece “não é sair de uma época o poder desenhar a sua clausura” (p. 15). Esta submissão a um estado agonizante, fechar-se em uma era que já teve seu fim anunciado, evidencia a impotência epistemológica diante da lógica do signo. A validade do projeto, porém, é evidente. Diz o filósofo: “É claro que não se trata de ‘rejeitar’ estas noções: elas são necessárias e, pelo menos hoje, para nós, nada mais é pensável sem elas. Trata-se inicialmente de pôr em evidência a solidariedade sistemática e histórica de conceitos e gestos de pensamento que, freqüentemente, se acredita poder separar inocentemente” (p. 16). A proeza de Benveniste é justamente de ter ultrapassado, discretamente é verdade, os limites desta clausura. A linguística da enunciação em seu estado atual, porém, reinstaura a primazia do signo sobre o discurso.

ter se definido na análise exclusiva da linguagem dita ordinária ou ainda de sistemas artificiais, como o de certa corrente da semântica formal⁹. Assim, um linguista de hoje não é nem alguém que tenha conhecimento da variação histórica dos sistemas linguísticos, nem alguém que tenha conhecimento sobre a literatura e seu modo de funcionamento e nem necessariamente alguém que tenha conhecimento sobre uma ou algumas línguas estrangeiras. Sem avaliar se esta evolução universitária teve um resultado positivo ou negativo, restrinjo-me a constatar que, de fato, ela dificulta a busca por uma unidade na obra de Benveniste, não só no que diz respeito à linguística histórica, a qual representa, estimo, muito mais do que a metade da produção do autor, como também nas análises sincrônicas, que se apoiam frequentemente sobre o recurso da comparação interlinguística.

Finalmente, falo de antropologia porque de muitas formas minimizamos o homem. Com a estrutura imanente, os *devices* gerativos, a determinação da linguagem por uma faculdade metafísica do pensamento, a história da humanidade como uma história de causas e efeitos e com uma ideia de arte baseada nas dialéticas norma/desvio e forma/conteúdo. Paralelo a estas posições determinantes, Benveniste nos revela que a língua, cada língua, é o estado de uma série de contingências, produto da grande faculdade humana da linguagem e que é ela que organiza o mundo. A mesma, exatamente a mesma, contingência que pode ser vista na evolução de cada cultura. Benveniste nos indica o caminho para reconhecer que todo fenômeno significativo é ao mesmo tempo particular e universal, expressão da diversidade humana e da invariância da humanidade.

⁹ A marcada exceção a esta afirmação é Henri Meschonnic, que tenta elaborar uma teoria da linguagem que dependa inteiramente de uma reflexão sobre a poesia, a narrativa, a tradução e o ritmo, chegando a afirmar que uma teoria sobre a poesia vale tanto quanto o que ela pode dizer da língua ordinária e vice-versa (cf. *La poétique du traduire*). Às antípodas temos John Austin, o qual afirma, através da filosofia da linguagem, que uma teoria sobre a linguagem deve ocupar-se apenas da linguagem ordinária, pois a literatura não seria mais do que um sistema parasítico da função primordial desta faculdade.

1 LEITURAS DE BENVENISTE

A apresentação de uma primeira parte de recapitulação histórica ou revisão bibliográfica sobre um assunto é prática corrente em todos os níveis acadêmicos, de trabalhos de conclusão de curso a livros de pesquisadores consagrados. É importante, antes de entrar propriamente no assunto do capítulo, refletir sobre a função de um capítulo como este na estrutura de um texto e, conseqüentemente, de uma argumentação.

Na constituição das ciências, sejam elas humanas ou exatas, a história, na maioria dos casos, tem uma função homogeneizante. Reforçando um ponto de vista positivo, se estabelece um ponto de chegada, estejamos já nele ou não, e toda a produção de conhecimento do passado é julgada em relação a este ponto de chegada e colocada a seu serviço. Observando alguns dos exemplos em *A estrutura das revoluções científicas* de Thomas Kuhn, vê-se que apesar de profundas cisões epistemológicas, a escritura científica simplifica o agrupamento de diferentes pesquisas, diminuindo o grau da ruptura que as separa, instaurando a lógica do “n+1”. Um exemplo de fácil compreensão seria o da passagem da física newtoniana para a einsteiniana. O mundo descrito por Einstein em sua teoria da relatividade é completamente diferente do de Newton, entre outras razões porque toda massa está em relação (isto é, é passível de conversão) com energia e porque o espaço não é estático, como no modelo anterior, mas pode se dobrar. A lista continuaria. A separação se dá de maneira tão patente que o que manteria juntos estes dois jeitos de observar o mundo seria o método que lhes é próprio, isto é, aquilo que se chama física. Porém, em cada uma das perspectivas boa parte do método, do aparato descritivo, é reforjada. Assim, parece que, mais do que o método científico, o que mantém estas juntas é um procedimento de escritura da história da ciência e as instituições as quais essa história diz respeito.

Não se deve ver isto como algo necessariamente mau, no entanto. A homogeneização é o que possibilita o progresso científico. A impressão de que o campo científico em questão é a todo momento coerente e de que todos os quebra-cabeças apresentados pela natureza podem ser quebrados, só necessitando um maior investimento de tempo, é o que motiva e possibilita a pesquisa. Por outro lado, esta ilusão de coerência também é o que dificulta a passagem de um paradigma científico a outro, ou mesmo a aceitação de que existem problemas do objeto que não se deixam entrever através da peneira deste ou daquele método.

Este modo de fazer história, cumulativo, causativo, chamemos aqui de abordagem historicista. Trago uma passagem de *Les Grecs, ont-ils cru à leurs mythes?*, de Paul Veyne, para demonstrar o que penso ser a alternativa a esta abordagem :

L’histoire a été définie longtemps comme un récit explicatif, une narration avec des causes ; expliquer passait pour la partie sublime du métier d’historien. On estimait, en effet, qu’expliquer consistait à trouver, en guise de causes, une raison, c’est-à-dire un schéma [...] qui mettait en jeu de grandes idées passionnantes. Mais supposons qu’expliquer se réduise à envisager un polygone de petites causes qui ne sont pas les mêmes d’une conjoncture à l’autre et ne viennent pas remplir les places spécifiques qu’un schéma leur assignerait d’avance (1983, p. 45)¹⁰

O autor sugere uma outra forma de explicar historicamente. Ele indica a possibilidade de se desenhar um polígono de causas, nenhuma necessariamente a causa definitiva e nem válida da mesma forma em outras situações e que, sobretudo, não tem um valor estabelecido de antemão. Isto aponta, sobretudo, para um jeito de não se fazer uma história “ao contrário,” isto é, selecionar um determinado ponto histórico e criar uma cronologia de fatos e eventos que não poderia deixar de resultar nele. Este ponto de vista, o qual reforça aquilo que é contingente não só nas formas de se fazer ciência, mas também literatura, arte e sobretudo sublinha a casualidade das configurações que tomam os sistemas simbólicos, chamo aqui de historicidade e a pesquisa que busca salientar este aspecto de seu objeto de historicizante¹¹. Essas considerações são norteadoras da minha maneira de ler os textos selecionados.

Neste capítulo, como mencionado anteriormente, se trata de retomar algumas abordagens da obra de Benveniste. Os autores de que tratarei aqui são Aya Ono, Claudine Normand, Gerard Dessons e Henri Meschonnic. Eles são apresentados desta forma porque acompanham a lógica

¹⁰ A história foi definida por muito tempo como uma narrativa explicativa, uma narração com causas ; explicar era visto como a parte sublime da ocupação do historiador. Estimava-se, com efeito, que explicar consistia em encontrar, na forma de causas, uma razão, isto é, um esquema [...] que colocava em jogos as grandes ideias apaixonantes. Mas suponhamos que explicar se reduza a visualizar um polígono de pequenas causas que não são as mesmas de uma conjuntura a outra e não venham para preencher lugares específicos que um esquema lhes atribuiria *a priori* (tradução minha).

¹¹ Esta terminologia não reproduz exatamente aquela recorrentemente empregada por Henri Meschonnic, principalmente em *Critique du rythme*, mas é inspirada nela. Além, é claro, de levar em consideração os trabalhos de Kuhn e Veyne.

exposta na introdução, vamos de um maior fechamento epistemológico em direção a sua máxima abertura. É claro que centenas de outros autores ocuparam-se, ao longo dos anos, de comentar a obra de Benveniste, retemos estes quatro, porém, por uma questão de exemplaridade e também por motivos de espaço e tempo-hábil. As duas primeiras autoras ocupam maior espaço neste capítulo. Claudine Normand, por seus muitos anos como comentarista da obra de Benveniste, é exemplar no que diz respeito às interpretações já institucionalizadas dela. Ao longo dessas décadas, muito de sua leitura pôde se tornar quase que um senso-comum sobre o autor. Aya Ono também conta com mais páginas nesse capítulo, pois naturaliza a leitura institucionalizada de Benveniste através de uma genealogia debatível.

1.1 Aya Ono

A autora publicou em 2007 *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, obra que se ocupa de rastrear a noção de enunciação e a articulação desta com alguns outros conceitos relacionados. A principal pergunta que a autora propõe é “*pour quelle raison et dans quelles conditions peut-on s'interroger sur la notion d'énonciation chez Benveniste ?*” (p. 16, grifos da autora)¹². O objetivo já anuncia, de certa forma, a conclusão do trabalho, isto é, a imaginamos antes de chegar ao fim. A autora se refere também ao problema da delimitação conceitual e do corpus na obra de Benveniste, perguntando “*mais qu'est-ce que la linguistique de Benveniste ? A quel corpus cette expression renvoie-t-elle ?*” (p. 19, grifos da autora)¹³. A relativização porém é apenas anunciada, porque o ponto de partida de sua análise é uma interpretação pronta da obra do autor, a qual se foca sobre o “Benveniste qui développe la problématique de la subjectivité à partir de la deixis” (p.101)¹⁴, e assim condiciona de início as possibilidades de conclusão.

Ono aponta que há uma crítica constante à obra de Benveniste,

[...] cette critique présuppose que le ‘concept’ d'énonciation aurait une définition claire et stable chez le linguiste [...]. Mais la théorisation benvenistienne de l'énonciation comporte, nous le verrons, bien d'autres

¹² Por que razão e em quais condições podemos nos perguntar sobre a noção de enunciação em Benveniste? (tradução minha).

¹³ Mas o que é a linguística de Benveniste? A que corpus esta expressão se refere (tradução minha)?

¹⁴ Benveniste que desenvolve a problemática da subjetividade a partir da deixis (tradução minha).

propositions, de sorte qu'il n'est pas possible d'en dégager une définition univoque. (p. 18).¹⁵

Opondo-se a essa posição, ela acredita que se deve procurar uma noção de enunciação e não um conceito. Quer dizer, algo que não se realiza como um termo recorrente e bem definido dentro da obra, na forma de um conceito, mas como uma noção difusa, que pode ser rastreada em diferentes passagens dos textos de Benveniste e que evolui ao longo do tempo. Por isso, ela considera que um método “arqueológico” seria o mais apropriado para sua busca, pois pensa que a noção passa por um processo de estratificação e complexificação na medida em que as problemáticas desenvolvem-se. A autora demonstra, através do percurso de sua análise capítulo a capítulo, o complexo conceitual que ela relaciona à noção de enunciação, a saber, o seu emprego e dos termos relacionados (frase, instância de discurso e enunciado performativo), relação entre enunciação e significação, noção de sintagmação e intentado (*intenté*), as “três instâncias da subjetividade” e o ato de linguagem. Além disso, ela pretende verificar a relação entre Benveniste e Saussure, adiantando que esta se inscreve no projeto benvenistiano de “abrir um sistema fechado” (cf. p. 21). Assim, ela afirma que “nous essayerons de saisir la notion d'énonciation dans son ensemble, comme un événement regroupant plusieurs actions, selon une structure stratifiée” (p. 22)¹⁶. A arqueologia, termo empregado pela própria autora, aqui é balizada por uma posição pronta, a de que existe um Benveniste, *O Benveniste*, que desenvolve a problemática da subjetividade, que é o de interesse a uma possível linguística da enunciação, e que o ponto de chegada desta reflexão é *L'appareil formel de l'énonciation*.

Na revisão que apresenta deste artigo (cf. p. 31-3), Ono ressalta os cinco aspectos da enunciação que são colocados em evidência neste artigo, a saber, (1) realização vocal da língua, (2) conversão da língua em discurso, (3) a enunciação como ato individual, (4) instauração de um interlocutor e (5) criação de uma referência. Ela se abstém porém de apontar o que reuniria estes diferentes aspectos, fazendo-os parecer mais heteróclitos do que de fato são, afinal, todos eles existem uma vez que se leve em conta a enunciação enquanto enunciação. No restante do texto, de diferentes maneiras, a autora tenta apontar como desenvolvimentos de todos os outros trabalhos do autor podem em menor ou maior grau ser encontrados nesse artigo, seguindo uma

¹⁵ Esta crítica pressupõe que o “conceito” de enunciação teria uma definição clara e estável no trabalho do linguista [...]. Mas a teorização benvenistiana da enunciação comporta, nos o veremos, várias outras proposições, de forma que não é possível tirar daí uma definição unívoca (tradução minha).

¹⁶ Nós tentaremos compreender a noção de enunciação em seu conjunto, como um evento agrupando diversas ações, de acordo com uma estrutura estratificada (tradução minha).

disposição cronológica-evolutiva dos trabalhos. Os trabalhos que não se encaixam neste quadro de trabalho são raramente mencionados, ou nem o são. Ao mesmo tempo, Ono sublinha que esse artigo não recobre nem todos os usos do termo enunciação que ela encontra ao longo de sua pesquisa e nem a noção de enunciação estaria limitada às ocorrências do termo.

No capítulo seguinte, assim, a autora se propõe a verificar algumas das noções que se relacionam a de enunciação, a saber: frase, instância de discurso e enunciado performativo. A sua preocupação é de bem discernir estas quatro noções, pois, por proximidade conceitual ou co-ocorrência textual, elas poderiam vir a se confundir. O procedimento é similar ao do capítulo anterior, seguindo um fio cronológico ao longo do qual as diferentes noções vão aos poucos especializando-se e distanciando-se, sempre remetendo ao “estágio final da teorização,” que pode ser encontrado em *L'appareil formel de l'énonciation*.

Repetidamente, nestes dois primeiros capítulos assim como no restante da obra, a autora se refere a este artigo como o ponto de chegada visado, quase como o projeto deste sempre houvesse existido na mente de Benveniste, vejamos alguns dos casos. Primeiramente, podemos sublinhar as vezes em que existe a simples prospecção: “l'article de 1954 annonce celui de 1970” (p.40)¹⁷; “on peut voir dans ce texte de 1956 une émergence de la problématique de ‘L'appareil’” (p. 42)¹⁸; “cette idée proprement dialogique [presente no texto *Les relations de temps dans le verbe français*] peut d'ailleurs être reliée à la conception de l'énonciation que Benveniste exposera dans ‘L'appareil’” (p.48)¹⁹. Alguns textos são desvalorizados por apresentarem ainda uma reflexão “incompleta”: “la problématique de ‘Sémiologie de la langue’ ne recouvre pas toute la conception de l'énonciation élaborée en 1970 [...] elle souligne uniquement les deuxième et cinquième aspects” (p.53)²⁰. Finalmente, marco uma última passagem que exemplifica bem a posição da autora: “bien que l'article de 1970 soit la dernière étape de la pensée de Benveniste, il est difficile de placer rétrospectivement toutes ses idées sur un seul fil chronologique. En effet, elles n'ont pas évolué « en ligne droite » mais selon les problématiques”

¹⁷ O artigo de 1954 anuncia aquele de 1970 (tradução minha).

¹⁸ Pode-se ver nesse texto de 1956 uma emergência da problemática d'*O aparelho* (tradução minha).

¹⁹ Essa ideia propriamente dialógica pode também ser associada à concepção de enunciação que Benveniste exporá n'*O aparelho* (tradução minha).

²⁰ A problemática de *Sémiologie da língua* ne recobre toda a concepção de enunciação elaborada em 1970 [...] ela sublinha unicamente o segundo e o quinto aspecto (tradução minha).

(p. 55)²¹. Novamente, mesmo percebendo que os desenvolvimentos teóricos só acontecem perante as diferentes problemáticas e objetos de análise, a autora não abandona a certeza de que o artigo de 1970 seja a etapa final de uma evolução epistemológica.

Seguindo o caminho proposto pela autora, no terceiro capítulo se encontra a análise do que ela chama de instâncias de subjetivação da linguagem. Estas seriam três, resumidas por ela na conclusão da seguinte forma:

- La première instance développe la notion de subjectivité à l'intérieur du système morpho-syntaxique de la langue par l'intermédiaire de la structure de la personne grammaticale : l'analyse des pronoms personnels constitue l'embryon de la réflexion sur ce point.
- La deuxième instance rend compte de la relation entre la subjectivité et l'exercice du langage. La temporalité de l'énonciation est une *subjectivation*, mouvement auquel participent le sujet parlant, le temps et le langage. La subjectivation est envisagée comme le temps spécifique dans lequel se forme un nouveau sens sur le plan du langage comme sur le plan du sujet. En d'autres termes, l'énonciation est une aventure temporelle, historique, du sens où se projettent la langue et le sujet parlant.
- La troisième instance aborde un thème que Benveniste n'a jamais approfondi, celui du sujet non linguistique, et débouche sur le thème de l'intersubjectivité. (p. 214, grifo da autora)²²

A problemática da subjetividade é central nas reflexões de Benveniste, pois ele tenta inserir as noções de sujeito, sociedade, comunicação etc. em suas análises mais diversas, seja na famosa reclassificação que ele propõe dos pronomes pessoais e a reinterpretação dos dêiticos e advérbios circunstanciais seja na explicação do funcionamento de preposições do latim ou alemão e na reconstrução filológica da cultura indo-europeia. Aqui, subjetividade e enunciação são colocadas como equivalentes. As três instâncias que Ono propõe podem ser lidas, respectivamente, como (1) subjetividade “pré-enunciação”, (2) subjetividade na enunciação, (3)

²¹ Ainda que o artigo de 1970 seja a última etapa do pensamento de Benveniste, é difícil situar retrospectivamente todas as ideias sur um único fio cronológico. Com efeito, eles não evoluíram “em linha reta” mas de acordo com as problemáticas (tradução minha).

²² - A primeira instância desenvolve a noção de subjetividade no interior do sistema morfo-sintático da língua pelo intermédio da estrutura da pessoa gramatical: a análise dos pronomes pessoais constitui o embrião da reflexão sobre esse ponto.

- A segunda instância dá conta da relação entre subjetividade e o exercício da linguagem. A temporalidade da enunciação é uma *subjectivation*, movimento do qual participam o sujeito falante, o tempo e a linguagem. A subjetivação é vista como o tempo específico no qual se forma um novo sentido sobre o plano da linguagem como sobre o plano do sujeito. Em outras termos, a enunciação é uma aventura temporal, histórica, do sentido na qual se projetam a língua e o sujeito falante.

- A terceira instância aborda um tema que Benveniste nunca aprofundou, o do sujeito não linguístico, e leva ao tema da intersubjetividade. (tradução minha).

subjetividade “pós-enunciação”. Essa divisão, porém, gera complicações epistemológicas, ao invés de funcionar como ferramenta heurística.

Esta confusão provém do recorte que a autora opera na obra do linguista, como aquele que “développe la problématique de la subjectivité à partir de la deixis” (já citado), recorte esse revelado nesse pequeno resumo citado, no qual a primeira instância, a da subjetividade na língua, é colocada como um primeiro passo, um embrião diz ela, em direção à subjetividade no exercício da linguagem, isto é, na enunciação. É evidente, entretanto, que a reflexão de Benveniste não toma um caminho tão simples, estratificando língua e linguagem, separando a língua de seu exercício. Tomemos a reflexão sobre os pronomes, já que os estudos referentes a eles são os mais citados pela autora. Benveniste afirma, no primeiro parágrafo de *La nature des pronoms* que: “l’universalité de ces formes et de ces notions conduit à penser que le problème des pronoms est à la fois un problème de langage et un problème de langues, ou mieux, qu’il n’est un problème de langues que parce qu’il est d’abord un problème de langage” (200X, p. 251)²³. É importante perceber que a distinção feita na passagem citada entre linguagem e língua é diferente daquela explicitada por Ono através de sua divisão das diferentes instâncias de subjetividade. Enquanto que ela opõe sistema linguístico (morfo sintático), na primeira instância, e realização individual do mesmo na segunda, Benveniste coloca claramente uma distinção entre invariância da linguagem e diversidade das línguas. A subjetividade é um universal humano que encontra realizações particulares nos vários idiomas que existem no mundo. Apontar que existe subjetividade na Língua, que é apenas uma forma possível de descrição do sistema de um idioma qualquer, isto é, um modelo científico, é apenas um contrassenso. Como em outros pontos, a abordagem historicista se sobrepõe à epistemológica, a autora afirma que “l’article [Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne] est contemporain de ‘la nature des pronoms’ : c’est la période où Benveniste découvre la problématique de la subjectivité derrière ses analyses du pronom personnel et d’autres indicateurs” (p. 160)²⁴. O recorte claro do antes e depois da “descoberta” possibilita a estruturação evolutiva do pensamento benvenistiano. O poder imaginário do progresso como uma linha que vai da esquerda para a direita, em constante amelhoramento, motiva a autora a afirmar até mesmo que “si benveniste place ‘La philosophie

²³ A universalidade dessas formas e dessas noções leva a pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que ele só é um problema de línguas porque ele é primeiramente um problema de linguagem (tradução minha).

²⁴ O artigo é contemporâneo de *A natureza dos pronomes*: é o período no qual Benveniste descobre a problemática da subjetividade por trás de suas análises do pronome pessoal e outros indicadores (tradução minha).

analytique’ juste après ‘De la subjectivité’ dans les PLG, c’est que dans son esprit, le second complète, parachève le premier, centré sur la sui-référentialité” (p. 184)²⁵.

Na terceira instância de subjetividade, além disso, a autora se coloca em uma confusão de conceitos. Indentificando linguagem, seu exercício e enunciação ela não é capaz de encontrar, apesar de pensar que deve fazer isso, uma subjetividade fora da linguagem. O paradoxo máximo é propor uma subjetividade “fora da linguagem,” como se fosse possível para um homem estar fora dela (e ainda ter consciência de si). Para ela o sujeito fora da linguagem é aquele que está fora da enunciação. A ingenuidade da pergunta “para onde iria o *eu* quando ele não está falando?” é curiosa e um típico problema criado por uma confusão conceitual que se recusa a aceitar o mundo. A autora afirma “bien qu’il ne développe le concept de sujet ni dans la théorisation du sémantique ni dans la problématique des déictiques, il laisse une place vide, assigné au sujet, dans sa linguistique” (p. X)²⁶. Assim, a ausência de um conceito pronto e claramente delineado de sujeito em todas as suas acepções, e ainda que possa ser encontrado nos textos mais recorrentes de Benveniste, paralisa o trabalho conceitual. Faz-se necessário recorrer a um termo similar em busca de uma definição. É na noção de locutor que Ono tentará encontrar o “sujeito fora da linguagem.” Assim, como cada locutor instaura um interlocutor em sua enunciação, incitando-o a participar dela, o sujeito fora da linguagem é aquele que está esperando sua vez de falar. Disso chegamos a uma solução metafórica, “le langage conduit chaque locuteur à s’appropriar la langue” (p. X)²⁷, fazer da linguagem um agente possibilita diminuir ainda mais a ideia de um homem no mundo. É a ação dessa linguagem que se impõe sobre o homem e dá a ele a possibilidade de ser um sujeito. Homem e sujeito parecem, assim, noções extremamente distantes.

É interessante notar que apesar da autora afirmar que essa terceira instância é proposta sua e provavelmente seria negada por Benveniste, ou ao menos que ele nunca teria feito a teoria do sujeito fora da enunciação, uma confusão similar pode ser encontrada no texto mais célebre do autor sobre o assunto *De la subjectivité dans le langage*, no qual ele afirma: “l’installation de la ‘subjectivité’ dans le langage crée, dans le langage et, croyons-nous, hors du langage aussi

²⁵ Se Benveniste coloca *A filosofia analítica* logo depois de *Da subjetividade* nos PLG, é porque em sua mente o segundo completa, conclui, o primeiro, focado na sui-referencialidade (tradução minha).

²⁶ Ainda que ele não desenvolva o conceito de sujeito nem na teorização do semântico nem na problemática dos dêiticos, ele deixa um lugar vazio, dedicado ao sujeito, em sua linguística (tradução minha).

²⁷ A linguagem conduz cada locutor a se apropriar da língua (tradução minha).

bien, la catégorie de la personne” (200X, p. 263)²⁸. Como poderia uma categoria, ainda mais a de subjetividade, estar instaurada fora da linguagem, onde fosse? Não cabe, no entanto, agora, explorar essa problemática.

Posteriormente, no mesmo capítulo e no seguinte, a autora analisa algumas passagens do *Vocabulário das instituições indo-europeias* em busca de uma noção de subjetividade e outra de ato de linguagem, pois estas seriam complementares à definição de enunciação. Ono exemplifica (nas páginas 169-73) a abordagem da subjetividade no *Vocabulário* através do estudo de Benveniste sobre a noção de homem livre (cf. 2009, livro 3, capítulo 3, p. 321-34). O sumário que ela faz do capítulo (sobretudo p. 171-2), porém, minimiza duplamente a discussão proposta pelo linguista. Primeiramente, por omitir a imensa rede de conceitos, situados entre palavras, experiência humana e convívio social, que ele coloca em jogo em sua análise, apresentando-a como se fosse uma série de notas em um dicionário etimológico. Em segundo lugar por relacionar diretamente, como que para validar a menção, o estudo da noção de homem livre e a conceitualização de enunciação: “en effet, son analyse de *swe ne se limite pas à l’étude comparative. [...] Si l’étude des déictiques le conduit à développer sa pensée sur la subjectivité de ‘je’, l’étude de *swe problématise cette pensée en soulignant son aspect social” (p. 172)²⁹. O preconceito moderno quanto à validade de qualquer estudo filológico é evidente na primeira frase, assim como em outras passagens do texto. Assim, resta apenas retornar aos artigos canônicos dos PLG, no caso, *Les relations de temps dans le verbe français*, para afirmar a continuidade da teoria da enunciação nesse livro. Quando trata da noção de ato de linguagem no *Vocabulário* (páginas 185-95), a posição da autora é consistente: “certes, ces observations linguistiques sont toutes fondées sur des documents historiques venant de langues mortes. Elles n’ont pas pour but d’élaborer une théorie générale du discours” (p. 185)³⁰. Dessa crença intransigente, decorre, novamente, a minimização dos esforços de Benveniste, escondendo o dinamismo que as noções pesquisadas tinham na antiguidade, o que o linguista nunca deixa de sublinhar:

²⁸ A instalação da “subjetividade” na linguagem cria, na linguagem e, acreditamos, fora dela também a categoria de pessoa (tradução minha).

²⁹ Com efeito, sua análise de *swe não se limita ao estudo comparativo. [...]. Se o estudo dos dêiticos o conduz a desenvolver seu pensamento sobre a subjetividade de “je”, o estudo de *swe problematiza esse pensamento sublinhando seu aspecto social (tradução minha).

³⁰ Certamente, essas observações linguísticas sont todas baseadas sobre documentos históricos vindos de línguas mortas. Eles não tem o objetivo de elaborar uma teoria geral do discurso (tradução minha).

les analyses de *VOC* montrent quelles liaisons peuvent s'établir entre la parole et l'autorité dans la structuration d'une institution, et c'est justement au sein de ces analyses qu'on peut comprendre comment Benveniste conçoit l'insertion de l'acte de parole dans la société. [...]. On voit bien que *VOC* entreprend d'établir de multiples liaisons entre parole et autorité, liaisons développées dans la formation même du vocabulaire institutionnel. (p. 185-6)³¹

Na sequência, ela aponta a relação mencionada, fala e autoridade, em diferentes capítulos do volume 2 do *Vocabulário*, sublinhando a ideia de convenção e de condições extralinguísticas para a realização do ato de linguagem. O objetivo é principalmente esclarecer as possibilidades de comparar Benveniste e Austin, assunto abordado previamente no livro, no que diz respeito à definição de *speech act*, pois esta aproximação é recorrente, visto que existem dois textos, que estão entre os mais lidos do autor, nos PLG que tratam deste assunto. O último parágrafo, apesar de reproduzir a posição intransigente, aponta para uma possibilidade de abertura: “derrière les données indo-européennes, on prend conscience que le performatif est inséparable des institutions [de] la société moderne tout autant que de la société ancienne” (p. 195)³². Não o percebemos *atrás* dos dados indo-europeus, o percebemos *nos* e *pelos* dados indo-europeus. Porque toda análise filológica em Benveniste decorre da mesma teoria da linguagem e nisso não é diferente de qualquer outra análise.

Por fim, o que se observa é que a posição de Ono quanto ao objeto, o escopo, a metodologia e se pode dizer até quanto à finalidade da teoria da linguagem de Benveniste é fortemente conservadora. Contraditariamente, quase todos os capítulos do livro reproduzem em sua conclusão uma posição totalmente contrária a essa, que vem, na verdade, de uma corrente crítica à tradição de comentaristas de Benveniste. Vejamos uma passagem como exemplo: “Lorsque Benveniste appelle de ses vœux l'émergence d'une anthropologie linguistique, ne voit-il pas dans l'énonciation le lieu où s'articulent ces problématiques ? elle permettra de considérer la politique du sujet dans la société, la sémantique de l'acte, du corps, du discours” (p.219)³³. Nessa citação, retirada da conclusão, Ono tenta situar seu trabalho no contexto de alguns dos

³¹ As análises do *VOC* mostram quais relações podem se estabelecer entre a fala e a autoridade na estruturação de uma instituição e é justamente no seio dessas análises que se pode compreender como Benveniste concebe a inserção do ato de fala na sociedade. Vê-se bem que *VOC* pretende estabelecer múltiplas relações entre fala e autoridade, relações desenvolvidas na própria formação do vocabulário institucional (tradução minha).

³² *Atrás* dos dados indo-europeus, tomamos consciência que o performativo é inseparável das instituições da sociedade moderna assim como da sociedade antiga (tradução minha).

³³ Quando Benveniste clama pela emergência de uma antropologia linguística, ele não vê na enunciação o lugar no qual se articulam essas problemáticas? Ele pertimirá considerar a política do sujeito na sociedade, a semântica do ato, do corpo, do discurso (tradução minha).

últimos trabalhos sobre Benveniste, parafraseando a visão de Meschonnic da obra do linguista, apenas mencionando-o em nota de rodapé junto com outros autores. Porém nada em seu trabalho apontou para tal abertura. Estas afirmações caem no vazio. Como nas páginas 134 e 135, nas quais Ono toca na divisão entre o semântica e o metassemântico, só para abandoná-la logo a seguir: “nous ne détaillerons pas davantage.”³⁴ Apenas indica, reticente, uma possível abertura da pesquisa linguística através dessas noções. Estranhamente, nesta passagem, ela cita o texto *Sémantique sans sémiotique* de Henri Meschonnic, o qual já havia, décadas antes, levado às últimas consequências a proposta que ele identificava na obra de Benveniste.

La notion d'énonciation chez Émile Benveniste se inscreve em uma série de interpretações já feitas da obra de Benveniste, sobretudo as de Claudine Normand, que não por acaso escreve o posfácio do trabalho. Ele é uma grande defesa da maneira como já se trabalha com Benveniste, paradoxalmente incluindo nas suas conclusões não só o caminho totalmente diverso apontado por Meschonnic, como também a interpretação também contrária de Gerard Dessons. Em seguida, exploro alguns dos textos de Claudine Normand, considerada uma das comentaristas mais importantes da obra de Émile Benveniste no mundo.

1.2 Claudine Normand

As páginas que seguem tratam de três dos muitos textos sobre Benveniste de Claudine Normand, a saber, *Émile Benveniste: qual semântica?* (2011 [1996]), *Leituras de Benveniste : algumas variantes sobre um itinerário demarcado* (2009 [1985]) e *Langue, parole, sujet chez Saussure et Benveniste* (2011). Eles foram selecionados dentro de uma grande gama de trabalhos, pois representam bem diferentes *loci* de interpretação e argumentação adotados pela autora.

Em *Émile Benveniste: qual semântica?*, Claudine Normand aponta o interesse crescente desde a década de 70 na obra do linguista. A autora situa os esforços dos comentaristas de Benveniste em três campos: “ela [a obra de Benveniste] suscitou vários trabalhos associados ao mesmo tempo a limitar esse conjunto, cuja diversidade frequentemente desconcerta, a analisar os conceitos de ‘sucesso’ (a subjetividade, a enunciação, o discurso...) e a situar Benveniste na linguística contemporânea” (p. 153). É importante notar exatamente o que implicam os três

³⁴ Não detalharemos mais (tradução minha).

níveis de trabalho discernidos. Primeiramente, a ampla obra abordada precisava ser limitada a um conjunto menor, em busca de uma (ilusão de) coesão. Isso teve a consequência de delimitar a obra através dos “conceitos de sucesso”, os quais em sua suposta originalidade situavam o autor positivamente na linguística contemporânea. Esses conceitos que encontraram respaldo acadêmico suficiente (subjetividade, enunciação, discurso e ainda poderíamos adicionar pessoa, não-pessoa, intersubjetividade, instância discursiva, instância temporal e tantos outros) viriam a organizar uma certa forma de linguística.

Normand afirma: “de minha parte, li em suas análises um desenvolvimento consequente da teoria saussuriana em uma linguística da significação e, ao mesmo tempo, um deslizamento para fora do seu fundamento, o princípio semiológico do arbitrário do signo” (p. 153). Aqui, como nos outros dois textos que seguem, ela defende uma relação de continuidade e abertura de Saussure a Benveniste. No entanto, não se pode deixar de notar que essa continuidade é vista em um quadro interpretativo específico da obra saussuriana, aquela que coloca como conceito central de sua linguística o signo. É possível argumentar que Benveniste tivesse uma visão similar da sua obra através de algumas das referências que faz à obra de Saussure, porém a relação destes dois pensadores não é apenas o sugerido pela metáfora visual da criação de uma clausura e o deslizamento para fora dela. Volto a esta questão mais à frente, na análise dos outros textos.

Se essa é a relação que Normand defende que Benveniste sustentava em relação à linguística, quanto à filosofia ela diz que “é a especificidade sui-referencial dos termos da ‘pessoa’ que permite a Benveniste como linguista tratar da referência, sem reduzir a semântica a seu modelo lógico-positivista” (p. 154). Se considerarmos que o modelo ao qual ela faz referência é o da relação intrínseca entre objeto e palavra, não é (apenas) através da análise dos índices sui-referenciais que Benveniste apresenta uma solução para esse problema epistemológico. Na verdade, o autor nega a dificuldade da questão, pois coloca como princípio de sua linguística que falar é sempre falar de algo. Consta entre os axiomas de sua forma de ver a linguagem que o homem se faz na e pela linguagem e que no mundo o que encontramos são homens falando com homens, não existindo outra forma de vida que ainda possa se chamar de humana. Assim, não é necessário “permissão” para se falar de referência, pois a linguagem refere a todo tempo, é da natureza de sua realização, independente da presença de “índices específicos” ou não, os quais são a forma linguística de uma realidade psíquica, a da existência, e estão

presentes invariavelmente em qualquer idioma. Como a própria autora aponta, “ele [Benveniste] se situa em relação a uma semiótica lógica afirmando que um linguista não pode separar sintaxe e semântica e integrando a pragmática na semântica” (p. 167).

Contraditoriamente, ela insiste na primazia da análise dos traços de subjetividade, dizendo que “não há em Benveniste revolução enunciativa; a busca dos traços da subjetividade nas formas linguísticas esta presente desde o início e se teoriza pouco a pouco entre hesitações e afirmações” (p. 161). Através deste raciocínio encerra-se totalmente a interpretação da obra de Benveniste. Um conjunto de 15, 20 textos, limitado através dos “conceitos de sucesso”, como coloca a autora, torna-se a chave interpretativa dos outros 95% da obra do linguista. Por um lado tenta-se minimizar a visão da corrente que defende uma ruptura, isto é, que defende que até certo ponto Benveniste era um estruturalista e depois, através da “descoberta da problemática da subjetividade”, como coloca ONO, tornou-se algo diferente, a autora, ao contrário, defende a continuidade de um projeto. É extremamente questionável epistemologicamente, porém, destacar a análise de índices específicos como sendo este projeto, separando-a de outras análises linguísticas para através dela estabelecer o paradigma da linguística benvenistiana.

É difícil, portanto, estar de acordo com Normand quando diz que:

Há um momento em que Benveniste em suas análises que se pretendem sempre e somente linguísticas, encontra a filosofia sobre as questões do sujeito e da referência. Nesse encontro, a dimensão da significação torna-se problemática, ao passo que até então ela não parecia levantar algum problema. (p. 154)

Uma série de problemas se colocam a partir dessa passagem, sobretudo no que diz respeito à epistemologia da linguística como um todo. Vê-se claramente que a análise parte do pressuposto de que sujeito e referências pertencem, *a priori*, ao domínio da filosofia, no qual Benveniste estaria penetrando de maneira hesitante ao estabelecer certa problemática linguística. É importante notar que essas divisões institucionais dadas ferem a natureza do objeto e nesse caso Benveniste não faz mais do que ignorar essa fronteira tão clara para Normand³⁵, afinal, o seu objetivo é de descrever a linguagem como ele a vê, assim, abordar a problemática da subjetividade não é realizar um incursão na filosofia, mas fazer linguística. A segunda frase do trecho não é problemática, mas falsa. A dimensão da significação é *sempre* problemática nas análises de Benveniste. Em um escopo maior, poderíamos dizer que a eventual queda do

³⁵ A relação de Benveniste com a filosofia é um problema de análise que surge repetidamente em sua recepção na França. Na análise dos textos seguintes de Normand vê-se mais em relação a isto.

estruturalismo, tendência teórica na qual Normand insiste em situar Benveniste, foi provocada pela resistência a abandonar o sentido e o funcionamento em suas análises. As teorias que vigoram hoje são as que com sucesso minimizaram à irrelevância o sentido, como a semiótica greimasiana e a linguística chomskiana.

Nesse quadro de pensamento, ela conclui que “[e]m suma, a semântica que Benveniste anuncia é uma semântica da pessoa em sua relação com o mundo, desse sujeito que, prontamente chamamos *sujeito da enunciação*” (p. 168, grifo da autora). Essa formulação teórica teria os ares de uma “antropologia cultural” (p. 159), segundo a autora. No entanto, a afirmação é vaga, e não aponta para um possível potencial analítico. Além disso, o grifo que marca o sintagma “sujeito da enunciação” indicaria a leitura canônica de Benveniste da análise dos “índices de subjetividade.” Vale indicar que essa abordagem dificilmente poderia ser vista no quadro de uma antropologia ou mesmo de uma semântica.

A última pergunta do texto é: “[s]eria por razões similares [à natura da experiência da língua como não-todo como descrita por Milner], intrínsecas à natureza dos fenômenos visados, que Benveniste não propôs método de descrição aplicável à sua teoria do semântico?” Pergunta curiosa, uma vez que provavelmente cerca de dois terços dos trabalhos de Benveniste são de análises (metódicas) de fenômenos linguísticos. Nessa pergunta fica evidente o quanto a institucionalização de uma certa leitura e a limitação de um corpus de trabalho dificultam o desdobramento do potencial teórico de um pensamento. No mesmo movimento em que Normand separa os limites da linguística e da filosofia, se desenha a fronteira entre o Benveniste “estruturalista/filólogo” e o Benveniste “enunciativo”. Pode-se então criar três, quatro Benvenistes. A que serve sustentar essa suposta “esquizofrenia teórica” do autor?

O segundo texto analisado é *Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado* (2009). Esta leitura não será tão detalhada quanto à anterior, vou me limitar a destacar alguns pontos de interesse.

Nesse artigo, novamente, Normand sublinha a relação entre Saussure e Benveniste como o que ilumina o entendimento do percurso teórico do linguista: “[o] itinerário de Benveniste pode ser lido como aquele de uma fidelidade a Saussure, ao mesmo tempo que como uma ultrapassagem no sentido hegeliano” (p. 12). Uma *aufhebung*. Usado de maneira totalmente deslocada, o termo pode vir a se aplicar à situação: sintetizar conservando, o procedimento da dialética hegeliana. Porém a remoção de todo o resto do aparato teórico hegeliano torna o

conceito desprovido de sentido. De que forma essa “*aufhebung*” benvenistiana se insere na formação do espírito como descrita na *Phenomenologie des Geistes* ou na evolução (em sentido de amelhoramento) da interação entre objetos artísticos e espírito das *Vorlesungen über die Ästhetik*?

A transposição vaga do termo vai tão longe a ponto de ver em Benveniste um hegeliano: “a unidade de Benveniste me parecia uma unidade dividida, de um filósofo (de inspiração hegeliana), contrariado pelo linguista que não pode dar conta da riqueza e da complexidade de seu objeto” (p.15). Ainda que os limites da linguística estivessem marcados previamente, e não estão, como o mostra o próprio Benveniste, de que modo a filosofia hegeliana, tão pobre no seu tratamento sobre a linguagem, poderia vir a ser a inspiração de Benveniste para “enriquecer” a análise de seu objeto? Normand diz que “[a]inda que os traços dessa oposição sejam um pouco forçados, continuo achando-os esclarecedores e a proponho como tal para a discussão” (p. 15). A filosofia essencialista de Hegel, na qual o mesmo é anterior ao outro, é totalmente incompatível com o postulado benvenistiano de base de que mesmo e outro fundam-se simultaneamente na intersubjetividade.

No mesmo artigo, Normand delimita as leituras mais recorrentes que foram feitas de Benveniste, a saber: “1ª [a] leitura comparatista, [...]; 2ª [a] leitura “estruturalista[...]; 3ª [p]or fim, a leitura do que foi chamado de “teoria da enunciação”; [...]” (p. 13). A delimitação dos três campos, por si, limita a leitura de Normand. Apesar de considerar proveitosa “as outras leituras” ela diz se inserir na terceira perspectiva, e lê os outros recortes a partir dessa posição. Assim, a princípio, ela conclui que “os textos “canônicos” que dizem respeito à enunciação não parecem ter *status* particular na obra de Benveniste” (p. 16). O que seria um primeiro passo para outra possibilidade de leitura. No entanto, a passagem continua: “[c]omo os outros textos, eles fazem os parâmetros do sujeito da significação interferir na descrição dos fenômenos linguísticos e se pode notar neles a mesma clivagem entre análises concretas e textos teóricos” (p. 16). Assim, as leituras um e dois podem ser resumidas à terceira, além de apresentar a segunda clivagem taxonômica proposta entre prática e teoria. Com isso já temos seis Benvenistes. Se considerarmos ainda a divisão entre o Benveniste-filósofo e o Benveniste-linguista proposta no mesmo texto, chegaríamos ao grande total de 12 Benvenistes em ação ao longo da obra! A que serve tal fragmentação?

Ainda mais quando veiculando a “desleitura” que é dizer que:

Nesse movimento de integração das ciências sob a égide da linguística, o *exterior* parece progressivamente absorvido por um *interior* tornado hipertrópico. O mundo inteiro se torna tecido de signos, texto portador de sentido. Pode-se compreender e até compartilhar essa fantasia, embora levantando algumas questões quanto à coerência dos textos (p. 17).

Dizer isso é ignorar totalmente a ideia das semiologias particulares dos diferentes sistemas, oferecida na fórmula “semântico sem semiótico,” tão valorizada por Henri Meschonnic. É substituir a semiologia benvenistiana pela semiótica greimasiana ou barthesiana, que através de um formalismo faz desaparecer a particularidade dos objetos e possibilita a aplicação ilimitada do modelo de análise.

Do artigo *Langue, parole, sujet chez Saussure et Benveniste* destacarei e comentarei apenas duas passagens. Importante notar que o texto se coloca como o resultado de mais de 30 anos de reflexão sobre esses dois linguistas. No que diz respeito a Benveniste, Normand declara, como nos textos anteriores, que “le *sujet* et le *sens*, Benveniste en a toujours parlé, dans ses travaux de description en grammaire comparée comme dans ses études syntaxiques et lexicales modernes” (p. 110)³⁶. O que, finalmente, integraria epistemologicamente o trabalho de Benveniste sob um mesmo esforço de análise. Unindo-a no “nível significante”, como diz o próprio autor (cf. II, 38). No entanto, na sequência dessa passagem, ela afirma:

Dans une continuité sans rupture avec la linguistique indo-européenne qu’il pratiquait, il a simplement appliqué la méthode structurale telle qu’il la lisait et l’interprétait chez Saussure et conjointement chez les Pragois: ne pas confondre synchronie et diachronie, analyser la langue comme un système hiérarchisé d’unités à différents niveaux, ces unités n’étant observables que dans des rapports, retrouver la relation d’intégration entre les niveaux jusqu’à la limite de la phrase. (p.110)³⁷

Isso contradiz diretamente as linhas anteriores. Com isso, novamente, se divide a obra de Benveniste em estruturalista vs. enunciativo. Na primeira abordagem ele simplesmente aplica Saussure e os linguistas de Praga, os quais apresentam, no entanto, duas maneiras diferentes de fazer linguística. A pequena diferença, para Normand, seria a de que considerando o

³⁶ O *sujeito* e o *sentido*, Benveniste sempre falou disso, tanto em seus trabalhos de descrição em gramática comparada como em seus estudos sintáticos e lexicais modernos (tradução minha).

³⁷ Em uma continuidade sem ruptura com a linguística indo-europeia que ele praticava, ele simplesmente aplicou o método estrutural tal como o lia e interpretava em Saussure e conjuntamente no círculo de Praga: não confundir sincronia e diacronia, analisar a língua como um sistema hierarquizado de unidades de diferentes níveis, essas unidades sendo apenas observáveis em relações, encontrar a relação de integração entre os níveis até o limite da frase (tradução minha).

funcionamento semântico das estruturas analisadas, a categoria de sujeito intervém nos resultados obtidos, pois é a partir de uma consciência do falante que as distinções estruturais seriam estabelecidas. Ora, essa é toda a diferença.

Ao longo das páginas seguintes (112-117), a autora refaz a conhecida genealogia da teoria da enunciação, citando Ono e retomando várias de suas colocações. Todos os lugares-comuns são revirados, os pronomes, o princípio dialógico da linguagem, a deixis etc. No entanto não há nenhum novo comentário, não há uma nova perspectiva. Ao final do texto ela cita as pequenas partes do manuscrito *Baudelaire* que haviam recém se tornado disponíveis naquele ano e diz sobre eles apenas que “[s]ans que Benveniste [...] fasse lui-même la relation, on croit reconnaître, en plus lyriques, les termes qu’il employait pour dire la nécessité d’une analyse sémantique” (p. 118)³⁸. Benveniste retoma a necessidade de uma análise semântica, agora no nível da poesia. Sim, e então? Nenhuma nova consideração sobre a epistemologia de Benveniste parte disso, no máximo conseguimos uma nova divisão “o Benveniste que fala de poesia”. Passemos agora a outro autor, Gerard Dessons, quem articula de uma outra maneira a teoria benvenistiana, na forma do que ele chama de uma “antropologia do discurso”.

1.3 Gerard Dessons

A obra referida aqui é *Émile Benveniste: l’invention du discours* (2006). A reflexão de Dessons ocupa-se longamente da (re)definição de termos em Benveniste, buscando explorar sua potencialidade. O texto de Gerard Dessons se forma como verdadeira “escrileitura” da obra de Benveniste, pois há poucos parágrafos que não contenham uma citação de Benveniste que os complete. No entanto, estas passagens não são trazidas enquanto argumentos de autoridade que provem uma ou outra tese de Dessons, o que se verifica é uma construção comum de sentido. O texto dele acontece como um grande comentário, possivelmente infinito, da obra de Benveniste, tomada como uma única unidade de escritura. É essencial para a leitura do livro notar como Dessons se coloca em relação a Benveniste. O linguista não é nem superior, isto é, portador da última palavra sobre os assuntos propostos, ou inferior, suas afirmações devem ser corrigidas.

³⁸ Sem que Benveniste fala ele mesmo a relação, acreditamos reconhecer, de forma mais lírica, os termos que ele empregava para falar da necessidade de uma análise semântica (tradução minha).

Dessons delimita *com* Benveniste os contornos epistemológicos de uma antropologia semântica. Nos interessa saber como esse projeto difere das leituras anteriores.

Logo nas primeiras páginas ele afirma que

[L]a pensée de Benveniste se voit fréquemment atténuée et dénaturée par la vulgarisation de sa théorie linguistique réduite aux seules analyses des marques formelles de l'énonciation, au détriment des considérations théoriques d'ordre plus général, dont la portée révèle pourtant une conception forte e originale des relations entre le langage et l'homme. (p. 26)³⁹

Fica claro nessa passagem o desejo de se afastar das leituras instrumentalizantes da obra do linguista, em favor de uma posição teórica de maior alcance. É importante reter a crítica direta à análise das marcas formais da enunciação. Essa foi umas das formas encontradas de se institucionalizar Benveniste sem abalar o status epistemológico da linguística como um todo. Reduzido a esse tipo de análise, o linguista apresenta um dado, uma curiosidade, uma indicação e não uma teoria. Dessons diz que “bien que la partition de son travail en un secteur philologique et un secteur généraliste puisse donner l'impression de deux activités distinctes, il s'agit plutôt de deux moments d'un même projet global, qui érige la signification en point de vue fondamental sur le langage” (p. 27)⁴⁰. Ono e Normand defendem, como Dessons, uma continuidade entre as áreas de pesquisa benvenistianas, a diferença essencial entre as diferentes posições é o ponto de encontro estabelecido. Para as duas primeiras a teoria da enunciação, ou o estudo dos pronomes e de outros “marcadores de subjetividade” é o ponto de convergência as diversas áreas de pesquisa do autor, ao redor do problema da subjetividade, definida no ato enunciativo. A continuidade apontada por Dessons se dá em outro nível, pois aponta a relação mútua entre conceitos como discurso, semiótico/semântico, língua, linguagem e sujeito, sem estabelecer uma hierarquia clara entre eles. Os postulados de base indicam um homem, enquanto sinônimo de falante e integrante da sociedade e não um sujeito da enunciação como o agente da linguagem. A consequência é uma teoria que desenha outros objetos e procedimentos.

³⁹ O pensamento de Benveniste se vê frequentemente atenuado e desnaturado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida apenas às análises das marcas formais da enunciação, em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral, das quais o alcance revela, no entanto, uma concepção forte e original das relação entre a linguagem e o homem (tradução minha).

⁴⁰ Ainda que a repartição de seu trabalho em um setor filológico e um setor generalista possa dar a impressão de duas atividades distintas, trata-se mais de dos momentos de um mesmo projeto global que erige a significação como ponto de vista fundamental sobre a linguagem (tradução minha).

A parte central do livro se chama *Une anthropologie du langage* e está dividida em seis partes, a saber, *La communication*, *Le discours*, *La langue et le langage*, *La signification*, *La subjectivité* e *Le temps*. Esses seis aspectos são elencados enquanto os principais focos de pesquisa nos quais a teoria subjacente que Dessons recorta na obra de Benveniste pode ser identificada. O autor vê em Benveniste o estudo da comunicação como “une anthropologie de la valeur, qui rend indissociables l’acte de communiquer et l’élaboration des valeurs constitutives de la société humaine ent tant que faits de culture” (p. 43). Essa definição basta para apontar de que natureza é a epistemologia que Dessons tenta propor. Essencialmente sistêmica, uma teoria em que todos os termos referem-se uns aos outros, a partir da relação fundamental homem-linguagem-sociedade. A epígrafe, retirada de Benveniste, que abre essa grande parte do livro, sublinha com força essa relação essencial: “[l]’homme n’a pas été créé deux fois, une fois sans langage, et une fois avec le langage”⁴¹.

Na obra, ele também critica os mal-entendidos ou associações epistemológicas impertinentes realizados ao longo da história de sua recepção na França. Muito importante na análise que o autor faz da recepção de Benveniste é o afastamento de sua obra do contexto fenomenológico na qual ela foi arbitrariamente inserida, forçando relações com os sistemas de pensamento de Hegel, Husserl e Merleau-Ponty. Caso a caso o autor demonstra o quanto essas associações são incongruentes e, mais do que isso, as diversas motivações que levaram a elas, umas mais outras menos apropriadas. De um lado, temos, por exemplo, a associação dos marcadores da instância discursiva (eu-aqui-agora) com os mesmos termos quando estudados por Hegel na *Phänomenologie des Geistes*, a qual apresenta alguma pertinência. No entanto, como dito acima e apontado igualmente por Dessons, a matriz lógico-essencialista do pensamento hegeliano não é em nada similar aos postulados benvenistianos (cf. p. 153-64). Por outro lado, temos o uso de informações circunstanciais para sustentar essas associações, como o fato que Benveniste era colega de Alexandre Kojève, o mais conhecido comentador de Hegel da França, e de Merleau-Ponty na *École Pratique des Hautes Études* ou o dado pouco significativo de que Benveniste leu Husserl na sua juventude.

O autor encerra seu trabalho tentando lidar com a dúvida sobre qual seria o lugar da linguagem poética em Benveniste, através dos manuscritos recentemente publicados e da obra de Henri Meschonnic. Fazendo referência aos mesmos trechos citados por Claudine Normand, além

⁴¹ Originalmente em *Coup d’oeil sur le développement de la linguistique*, PLG I, p. 27.

de alguns outros ainda inéditos na época⁴², Dessons, para resumir o projeto do linguista, diz que “Benveniste est à la recherche d’un appareil conceptuel capable de prendre en compte – et de manifester – la spécificité du langage poétique” (p. 193)⁴³. É essa *especificidade* que se apresenta como um problema para a linguística, em seu estado de então e também atual, e motiva a problematização não apenas da análise da literatura, mas da própria capacidade da linguística de dar conta dos diversos fenômenos de linguagem. A leitura é balizada pela poética de Meschonnic, acentuando a fórmula “semântico sem semiótico” (cf. p. 199-208), a qual ele explorou em diversos textos, mas principalmente em *Benveniste: sémantique sans sémiotique*, o qual comento mais a frente.

Apesar da leitura produtiva que propõe dos pressupostos teóricos em Benveniste, o trabalho de Dessons não anuncia o alcance da reorganização proposta para a análise, de fato, dos fenômenos de linguagem: seja a descrição de uma língua indo-europeia, seja a leitura de um poema. Muito menos indica como essa teoria refeita poderia lidar com a análise dos outros dois termos da relação trinária, isto é, o homem e a sociedade. A esse respeito, é Meschonnic o autor que propõe, de fato, uma linguística prática que decorre de uma teoria reformada a partir dos pressupostos benvenistianos.

1.4 Henri Meschonnic

Estabelecer, propriamente, qual a relação entre Meschonnic e Benveniste não é uma tarefa tão simples, pois o autor não tem o hábito de citar Benveniste, de usá-lo, como se diria “usar um autor” para expor um argumento, em seus textos. Ele definitivamente não é um comentador da obra do linguista, não busca estabelecer uma certa interpretação de Benveniste, apesar de obviamente veicular uma. Ele se coloca como um continuador, e por isso é especialmente interessante para este trabalho. Diz em *Critique du rythme* (1982), livro que apresenta o programa epistemológico de uma poética⁴⁴ que o autor continuará em seus trabalhos posteriores: “[c]e que j’entreprends ici n’est possible que par Benveniste, et ne vise qu’à le

⁴² Gerard Dessons orientou a tese de doutorado de Chloé Laplantine. Dessa forma, ele teve acesso aos manuscritos previamente à publicação destes.

⁴³ Benveniste está em busca de um aparelho conceitual capaz de levar em conta – e de manifestar – a especificidade da linguagem poética (tradução minha).

⁴⁴ Importante adicionar que poética, para Meschonnic, indica uma forma específica de ver a linguagem e, através dessa posição, de fazer a crítica das teorias da linguagem, do sujeito e da sociedade. Assim, nada tem em comum com, por exemplo, a poética estruturalista ou gerativista.

continuer” (p. 45)⁴⁵. No entanto, Meschonnic realiza uma leitura única da obra de Benveniste. Assim, faz-se necessário verificar exatamente o que ele pensa continuar. Para tal, trato de um de seus poucos textos que se ocupa quase que exclusivamente de comentar um trabalho de Benveniste, *Benveniste: sémantique sans sémiotique*⁴⁶.

Como disse previamente, a fórmula “semântico sem semiótico”, apresentada por Benveniste em 1969 no texto *Sémiologie de la langue*⁴⁷, tem, para Meschonnic, um enorme potencial teórico. Ele afirma que é “[p]ar quoi la théorie du langage est a réinventer” (p. 390)⁴⁸. No entanto, completa: “[...] Benveniste à la fois prépare cette implication théorique et [...] ne la conçoit pas” (*ibidem*)⁴⁹. O autor identifica nesse texto do linguista, um de seus últimos, a possibilidade de um programa epistemológico a ser desenvolvido, através da divisão da língua em duas dimensões, a semiótica e a semântica, e, principalmente, a afirmação de que as expressões artísticas são um semântico sem semiótico. Em primeiro lugar, é importante retomar o que indica essa distinção no artigo referido.

Para Benveniste, essa divisão representa a semiologia única da língua. De um lado há o semiótico, a língua não atualizada, mera possibilidade de língua, caracterizado pela organização sistêmica e opositiva de seus elementos. Nessa dimensão da língua, os elementos são descontínuos e estão separados em níveis, esse é o mundo do signo. Diferentemente, o lado semântico da língua seria o contínuo do discurso individual, a conversão do signo em palavra através da apropriação do sujeito da língua em seu potencial. Essa dupla dimensão seria única à linguagem e haveria outros sistemas de simbolização, outras semiologias, apenas semióticos ou apenas semânticos. Um exemplo que Benveniste dá para o primeiro caso seriam os gestos de saudação, e para o segundo as diferentes formas de expressão artística. Estas não contariam com um semiótico, pois seria nas ocorrências particulares, isto é, em cada obra, seja ela uma pintura, uma escultura ou um poema, que se estabeleceriam os valores, isto é que se criaria um semiótico (para Meschonnic, é uma dimensão semântica que seria criada, não havendo nem aí, para ele, um aspecto semiótico da obra).

⁴⁵ O que me disponho a fazer aqui é apenas possível através de Benveniste e viso apenas a o continuar (tradução minha).

⁴⁶ IN: *Dans le bois de la langue* (2008).

⁴⁷ Texto publicado pela primeira vez na revista *Sémiotica* e incluído posteriormente no *Problèmes de linguistique générale*, 2.

⁴⁸ Através do que a teoria da linguagem está para ser reinventada (tradução minha).

⁴⁹ Benveniste ao mesmo tempo prepara essa implicação teórica e [...] não a concebe (tradução minha).

Enquanto podemos reconhecer claramente no aspecto semiótico da língua descrito por Benveniste a linguística tradicional, o aspecto semântico da língua se mostra uma dimensão ainda indefinida, quase intocada durante a relativamente curta existência da linguística enquanto ciência. O linguista sugere que são, na verdade, duas linguísticas diferentes que se desenham a partir dessa divisão, e que para a segunda os conceitos ainda estão por criar. É este traço de desconhecido que chama a atenção de Meschonnic e indica a ele o poder renovador dessas ideias para a teoria da linguagem. O autor destaca da argumentação de Benveniste um ponto que lhe parece essencial:

[I]a grande nouveauté de Benveniste, *ici*, est d’oser dissocier *unité* et *signe*. [...]. Si l’*oeuvre* tout entière est l’*unité*, pour la poétique, l’*unité* n’est pas un *signe*, et l’*oeuvre* n’est pas faite de *signes*. Une *oeuvre* de langage est pleine de mots, mais ce n’est pas les mots qui font l’*oeuvre*, c’est l’*oeuvre* qui fait ce qu’on attribue ensuite aux mots” (p. 395-6, grifos do autor).⁵⁰

O deslocamento da noção de unidade provocado pela ideia de um semântico sem semiótico possibilita estudos de outra natureza, não voltados à primazia do signo ou mesmo da palavra. Meschonnic diz: “une sémiotique d’une seule unité ne peut pas être une sémiotique, puisqu’il n’y a de sémiotique sinon d’un système de signes généralisable et généralisé à d’autres signes, à d’autres discours, comme c’est le cas dans une langue. Elle est en cours de constitution dans une *oeuvre* [...]” (p.396)⁵¹. O que muda uma vez que a obra é a unidade de análise, o objeto, é a perda do generalizável, se dá então primazia ao trabalho idiossincrático do sujeito na língua⁵².

Assim, a poética de Meschonnic, decorrente da fórmula benvenistiana, se volta para um objeto singular, ele afirma “bien plus que du sens et des formes, il y a une activité du discours, à écouter dans ce qu’elle [a obra] *fait*, qui n’est pas nécessairement ce que disent les mots” (p. 412, grifo do autor)⁵³. Ele pensa, dessa forma, desenvolver o projeto de uma metasemântica, apenas

⁵⁰ A grande novidade de Benveniste, *aqui*, é de ousar desassociar *unité* e *signo*. [...]. Se a *obra* inteira é a unidade, para a poética, a unidade não é um signo e a obra não é feita de signos. Uma obra de linguagem é cheia de palavras, mas não são as palavras que fazem a obra, é a obra que faz aquilo que em seguida atribuímos às palavras (tradução minha).

⁵¹ Uma semiótica de uma única unidade não pode ser uma semiótica, visto que há semiótico apenas em um sistema de signos generalizável e generalizado a outros signos, a outros discursos, como é o caso em uma língua. Ela está em curso de constituição em uma obra (tradução minha).

⁵² É por essa via que Meschonnic vê também uma nova ênfase da historicidade da linguagem, contrariando a ideia de história como generalização.

⁵³ Mais do que sentido e formas, há uma atividade do discurso, a escutar naquilo que ela *faz*, que não é necessariamente o que dizem as palavras (tradução minha).

indicado por Benveniste ao final de seu artigo. Partindo de uma ideia de continuidade que anula igualmente a distinção entre forma e sentido, o autor propõe a análise do trabalho do discurso em cada obra, enquanto conjunção de todos os elementos que produzem sentido na linguagem. É nesse sentido que ele cria o conceito de ritmo, também na continuidade de um dos trabalhos de Benveniste, neste caso *La notion de "rythme" dans sons expression linguistique* (1951). Ritmo, no que diz respeito ao funcionamento linguístico, para Meschonnic, é a organização única do sentido no discurso (cf. 1982, cap. V). O seus recursos são todos aqueles que a língua oferece, tão numerosos que não podem ser listados satisfatoriamente. Em sua ideia do discurso como um contínuo, o autor afirma que no exercício da linguagem não existe significante e significado, tudo é significante, pois tudo está significando, ativamente (em um jogo de palavras, ele se refere a *signifiant* em francês não só como conceito, mas também como participio presente).

O projeto que se coloca para Meschonnic, então, é o desenvolvimento de uma análise semântica que continue as ideias não desenvolvidas, mas sugeridas, por Benveniste, como ele as lê, na forma de uma poética, a qual ele também chama de crítica do ritmo. Afirma:

Il reste, aujourd'hui, non seulement à continuer, comme Benveniste a commencé, de penser le discours avec des concepts du discours, pour ne pas regliser du discours à la langue, en psychologisant, en logicisant [...]. Il reste à penser le rythme comme rhétorique, poétique, éthique et politique du sujet. Avec le problème de l'effet de théorie que peut avoir cette critique du rythme, cette poétique de l'énonciation, sur la linguistique de l'énonciation. (p. 414)⁵⁴

Fica claro então que, para o autor, continuar Benveniste não é apenas renovar o trabalho da linguística, introduzindo o conceito de discurso, renovando o conceito de sujeito etc. Para ele, existe uma teoria de conjunto a ser desenvolvida, uma poética da enunciação, que une homem, linguagem e sociedade, considerando a existência do sujeito na sociedade em seu fazer linguístico.

⁵⁴ Hoje resta não apenas continuar, como Benveniste começou, a pensar o discurso com conceitos do discurso, para não deslocar novamente o discurso à língua, psicologizando, logicizando [...]. Resta pensar o ritmo como retórica, poética, ética e política do sujeito. Com o problema do efeito de teoria que pode ter esta crítica do ritmo, esta poética da enunciação, sobre a linguística da enunciação (tradução minha).

1.5 Considerações finais

Nesse capítulo apresentei diferentes leituras da obra de Émile Benveniste. Algumas mais voltadas ao comentário da obra, tentando estabelecer relações (conceituais, metodológicas, temporais) entre os textos do autor para restituir o que ele teria dito sobre diversos assuntos ou como teria delimitado diferentes conceitos, enquanto outras buscavam em Benveniste uma indicação de um caminho a seguir. Todas elas são, sem dúvida, leituras possíveis. No entanto, algumas oferecem mais ao objetivo de estabelecer uma teoria coesa que busque não isolar a linguagem de suas condições *sine qua non*, o homem e a sociedade.

Em um sistema, se realmente tomado como tal, não há, apesar do último meio século de críticas, um centro. O agenciamento ininterrupto das partes impede a cristalização de um centro. Assim, uma leitura que desmonte Benveniste, a teoria de Benveniste, em partes, não consegue montá-la de volta. Um sistema de valores simplesmente nega este processo, pois as unidades determinam-se mutuamente. Por isso, as leituras que apresentam a teoria de Benveniste como um contínuo de problematizações são, para mim, mais proveitosas, ao contrário daquelas que tentam segmentá-la. Por isso que Dessons e Meschonnic insistem tão fortemente na ideia de uma teoria antropológica da linguagem, respectivamente na forma de uma antropologia do discurso e de uma antropologia histórica da linguagem. Apesar de Normand também mencionar de passagem uma “antropologia cultural” (cf. *intra* p. 28), provavelmente não se articularia em seu comentário a possibilidade de tal pensamento, como se pode ver pelos limites que estabelece entre linguística e filosofia.

No capítulo seguinte trato dos manuscritos de Benveniste sobre a poesia de Baudelaire. A problemática da relação entre a linguística (como ciência) e a linguagem poética se coloca necessariamente para a constituição do que chamo aqui de antropologia semântica. Isto porque a literatura é um local privilegiado para a observação da relação entre homem, linguagem e sociedade, do discurso geral e particular como exercício de um sujeito. O tema é especialmente importante, pois se não fizemos neste um século de linguística moderna mais do que burilar alguns conceitos, ainda incertos, para a análise da “linguagem ordinária”, como diz Benveniste (cf. PLG I p. 37), sem saber ainda o que fazer da linguagem poética, como poderíamos, tão

rapidamente, levar ao cabo a intuição e o desejo do linguista de uma “culturologia⁵⁵” (II, p. 25)? A ciência da literatura, em suas diversas encarnações, existe há muito mais tempo que a linguística e minha intenção não é de negar os seus esforços. O problema não é que até este momento não tenhamos explorado a linguagem poética, o seu fazer, mas sim que ela foi raramente explorada enquanto fato de linguagem, com o potencial de um problema linguístico.

⁵⁵ A qual o autor define como “une sémantique qui passe à travers tous les éléments de culture et qui les organise” (já citado).

2 PROBLEMAS DA LINGUAGEM POÉTICA

“*Si le primat est donné au discours,
il en apparaît qu’il n’y a pas de discours ordinaire:
tout discours est particulier.
Tous sont ordinaires comme le langage*” (MESCHONNIC, 1982, p. 513).

Desde que a linguística se organizava como ciência, isto é, assimilava as formas de escrever ciência estabelecidas pela filosofia e as ciências naturais, são buscadas formas de aliar os procedimentos de análise que se formavam com a pesquisa do objeto literário. Com efeito, se olharmos para alguns dos movimentos fundadores mais importantes, vemos que estas duas pesquisas andavam juntas em maior ou menor grau. É o caso, por exemplo, do círculo linguístico Praga e dos trabalhos de Ferdinand de Saussure e Edward Sapir⁵⁶. O estabelecimento definitivo de um método estruturalista ao longo da primeira metade do século XX permitiu mais facilmente, em aparência, esse trânsito. A revista *Langages* de 1968, intitulada *Linguistique et littérature* é exemplar do desenvolvimento desta empreitada. Edição nº 12 organizada por Roland Barthes e com contribuições de grandes nomes como Tzvetan Todorov e Gerard Genette, a quarta *Langages* daquele ano nos mostra até onde havia chegado a pesquisa em literatura, principalmente com o artigo-diagnóstico de Nicolas Ruwet, *Limites de l’analyse linguistique en poétique*. Nesse, é sinalizado que a poética estrutural teria chegado ao seu fim, principalmente devido ao advento da teoria gerativa-transformacional (cf. p. 56-7).

Émile Benveniste deveria estar entre os autores da edição, porém não concluiu seu artigo sobre linguagem poética e a obra de Charles Baudelaire. Não nos interessa o porquê dessa dificuldade em entregar o artigo prometido, até porque não se conta com nenhum dado biográfico a respeito, fora aquilo que transparece nas centenas de folhas manuscritas até pouco tempo abandonadas e encaixotadas. Ao que parece, o conflito que impediu a realização do texto era sobretudo teórico: conceitual e metodológico. É patente uma luta com a terminologia convencional tanto da linguística quanto da vulgata poética. Por exemplo, na caixa número 21 de manuscritos, se encontra sobretudo uma série de folhas nas quais há listas de palavras, ou

⁵⁶ Em relação ao Círculo de Praga, vários dos textos que buscam demonstrar tal interface se encontram na coletânea de textos *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*, organizada por Dionísio Toledo. O incurso de Saussure na literatura pode ser visto em seus trabalhos sobre os anagramas da poesia latina e sobre a mitologia germânica (cf. STAROBINSKI, 1971). Sapir trata das relações entre linguística, língua e literatura no último capítulo de seu único livro, *Language*.

mesmo, ocasionalmente, uma única palavra. Nessas listas Benveniste tenta delimitar palavras (mar, arte), categorias (pedras preciosas, sons) ou construções sintáticas (verbos ativos com sujeito inanimado, relação entre futuro e imperfeito) recorrentes na poesia de Baudelaire, o que fazer desses dados, porém, é um programa adiado.

Essa busca pretende delimitar o que é a *palavra poética*. Como recria-se a significação da palavra no contexto do poema. Como o poeta imprime novos valores através de seu discurso aos termos recorrentes do que Benveniste chama a “linguagem ordinária.” Sobretudo, esse trabalho chama atenção à indissociabilidade de forma e sentido, no poema como em qualquer outro lugar da língua, mas sem lhe atribuir valores psicologizantes aplicáveis a qualquer poema. Apesar de ser desenvolvido neste período crítico de apogeu e queda do estruturalismo, esta poética toma o caminho contrário e sublinha a individualidade da linguagem poética como um geral-particular, um modo especial de enunciação capaz de imprimir valores inéditos aos elementos do sistema.

Este seção está dividido em duas partes. Na primeira, apresento algumas das ideias principais sobre poesia dos manuscritos de Émile Benveniste, *Baudelaire* (2011). Na segunda, apresento o que diz Benveniste sobre a poesia de Baudelaire e também alguns rascunhos de análises de diferentes poemas.

2.1 OS MANUSCRITOS E A DEFINIÇÃO DE POESIA

Conservados desde a morte de Benveniste na Biblioteca Nacional da França, os manuscritos encontravam-se depositados no departamento de manuscritos orientais, o que não é uma surpresa, mesmo que possa parecer curioso. Como o tema mais abordado ao longo da vida de Benveniste foram as línguas do ramo iraniano, grande parte do seu legado, se não todo, estava classificado sob a categoria “papéis de orientistas”. Muito recentemente eles foram transcritos por Chloé Laplantine conjuntamente à escritura de uma tese de doutorado sobre o inconsciente e a poética em Benveniste (cf. LAPLANTINE, 2008). Tão recentemente divulgados que ainda não se sabe bem o que fazer deles, que caminhos eles abrem ou fecham para o pensamento sobre a linguagem.

O esforço aqui é simples: organizar algumas das ideias mais recorrentes nos manuscritos, de forma que possamos visualizar o potencial epistemológico dessas proposições. Coloca-se inevitavelmente a questão do porquê de se recorrer a estes fragmentos de uma obra abortada,

uma vez que boa parte da obra do autor, que tem uma enorme produção intelectual, continua obscura. A resposta é que o assunto dos manuscritos não poderia estar de maneira mais forte na ordem do dia. Não apenas por se debruçar sobre a linguística, a poesia, Baudelaire ou a relação entre estes, mas por deixar entrever um passo para fora de uma metafísica da linguagem, e por consequência da poesia e da linguística. A análise de Laplantine deixa clara a importância do projeto, justamente porque ela não vê nada dele, seus esforços são exclusivamente de reforçar oposições já desgastadas mas sempre produtivas de clichês como aquela entre prosa e poesia, que é decorrente e da qual decorre uma série de dicotomias essenciais à arte e à cultura ocidental como um todo: racional/irracional, objetivo/subjetivo, aparência/essência, cópia/original, forma/conteúdo, discurso/silêncio e outras. Todas elas já nos dizem pouco, mas orientam todas as práticas de linguagem, isto é, todas as práticas humanas e sociais, o que quer dizer a mesma coisa.

Laplantine poetiza Benveniste, fazendo a escansão de frases suas e sublinha que a poeticidade de suas proposições alimenta a verdade delas. Poesia, origem, verdade. O mesmo movimento que alimenta outras tentativas falhas de dizer algo de novo sobre a literatura. O que não quer dizer que as proposições do linguista nos manuscritos até 2011 inéditos sejam revolucionárias e nos indiquem de forma clara um caminho a trilhar. Pelo contrário, em boa parte elas falham, igualmente, em colocar-se fora do óbvio quando falando em poesia. Afinal, dizer que “la poésie (lyrique) est le langage de l’intériorité ; le poète se parle à soi-même, dialogue avec sa pensée, console sa douleur” (2011, 6, f^o2⁵⁷)⁵⁸, é pouco mais que um clichê. No entanto, é o conflito patente com esses clichês da poética, sua insuficiência perante a poesia de Baudelaire da forma que Benveniste a vê, que vai indicar uma abertura para o pensamento sobre o poema. No que concerne à linguística, o conflito não está menos presente. Nota-se um “desespero terminológico,” uma constante troca e redefinição de termos, o signo não é mais signo, a palavra não é mais palavra. Qual a unidade do poema? O verso, a estrofe, ou o todo, indivisível?

Espero que, ao sublinhar as diversas contradições que marcam esse trabalho-que-nunca-foi sobre a poesia, possamos entrever alguns caminhos para o reencontro entre linguística e literatura, pois elas nunca estiveram separadas, sendo ambas aventuras no domínio da linguagem.

⁵⁷ A referência segue a notação utilizada na organização dos manuscritos. O primeiro número indica a caixa na qual está depositada a folha citada, o segundo indica o número da folha no conjunto dos manuscritos.

⁵⁸ A poesia (lírica) é a linguagem da interioridade; o poeta fala consigo mesmo, dialoga com seu pensamento, consola sua dor (tradução minha).

Em dois pontos, principalmente, a poética de Benveniste é conservadora, isto é, reproduz um discurso corrente sobre a literatura, principalmente os de Mallarmé e de Valéry, autores citados frequentemente. Primeiramente, a fronteira intransponível que mantém entre prosa (confundida com o discurso prosaico) e, disso o autor conclui que a poesia e, dentro dessa oposição, também a determinação do papel da poesia como de fazer o leitor sentir uma emoção como aquela que o poeta teria sentido, motivando sua escritura. A ruptura, no entanto, é anunciada pela forma como Benveniste aborda o fazer poético de Baudelaire. A individualidade radical que o linguista identifica no poeta não está centrada na idéia romântica do poeta inspirado ou genial, o que iria de encontro com a posição conservadora quanto ao poema. Na verdade, ela leva em conta sobretudo a forma como o poeta se faz sujeito na língua, criando assim sua própria língua dentro daquela que lhe foi dada.

O *problema*, isto é, o nó epistemológico, sempre por onde Benveniste inicia suas análises, é colocado da seguinte maneira:

Je crois voir maintenant la clef du problème que pose le langage poétique (c'est-à-dire pour moi celui de Baudelaire) ~~et~~ en tant que problème linguistique. C'est que le langage poétique n'a pas de dénotation au sens où le langage ordinaire a fonction de dénoter. C'est essentiellement la raison qui rend le poème inconvertible en prose. C'est une langue sans dénotation, et qui néanmoins garde l'allure d'une langue, et prend la forme d'un discours. Comment comprendre ce paradoxe ? . Que la langue poétique n'a pas de dénotation situe le problème au niveau non du signe mais du discours entier ou mieux ~~de la fonction~~ du poème en tant que réalisation d'un certain exercice de la langue poétique. C'est le discours entier qui révèle la nature de la langue dans laquelle il est construit. (22/fº 253, marcações do autor)⁵⁹

A insistente distinção entre poesia e prosa continua aqui, mas a terceira frase apresenta uma ótima pergunta: o poema é uma língua que não tem a função comum que se daria a uma língua, no entanto ele continua a parecer uma língua e toma a forma de um discurso: como se sustenta esse paradoxo? Benveniste supõe então que a poesia não acontece no nível do signo, mas do discurso inteiro enquanto realização, exercício. Essa primeira constatação é seguida pela

⁵⁹ Acredito ver agora a chave do problema que a linguagem poética (isto é, para mim, a de Baudelaire) coloca e enquanto problema linguístico. / É que *a linguagem poética não tem denotação* no sentido em que a linguagem ordinária tem função de denotar. É essencialmente essa a razão que faz o poema inconvertível em prosa. / É uma língua sem denotação, e que ainda assim guarda os ares de uma língua, e toma a forma de um discurso. Como compreender esse paradoxo? / O fato que a língua poética não tem denotação situa o problema no nível não do signo, mas do discurso inteiro, ou melhor ~~da função~~ do poema enquanto realização de certo exercício da língua poética. É o discurso inteiro que revela a natureza da língua na qual ele é construído (tradução minha).

definição do trabalho do poeta: “comment obtient-il cette ‘dénotation d’émotion’ ? Par ses agencements particuliers de mots, qui restent des signes, mais valorisés à neuf par des alliances nouvelles” (22/fº 254)⁶⁰. A combinação “denotação de emoção” diz pouco, mas seu objetivo aqui é de se opor à denotação simples, isto é, do discurso que fala sobre o “mundo.” Aqui Benveniste se apoia sobre Mallarmé para dizer que a poesia só trata de mundos ficcionais, enquanto a prosa se refere ao mundo real. A divisão é duvidosa, especialmente pela essencialização das duas categorias, mas o que segue é o que nos interessa: os agenciamentos particulares de palavras, valorizados de uma nova maneira através de novas alianças. Aqui toda a essencialização é negada. O valor, em uma acepção aparentemente bem saussuriana, é estabelecido inteiramente no exercício da linguagem poética, ou para deslocar um termo benvenistiano, na sintagmação.

Assim, afirma o linguista que “[t]out est donc, s’il y a un problème linguistique de la poésie, dans la nature propre des mots en tant que formants du langage poétique” (22/fº 261)⁶¹. A interação entre linguística e poesia então, para ele, deve focar-se no trabalho dessas palavras poéticas, diferentes dos signos, que formam o que é particular dessa linguagem. Interessante observar o movimento totalmente contrário de Benveniste em relação a outras incursões da linguística na poesia. Se Todorov e Greimas, e mesmo Jakobson até certo ponto, dão primazia a modelos de análise ahistóricos, porque são modelos e não procedimentos, e reduzem a análise literária à alocação dos elementos empíricos nas categorias do modelo, Benveniste sublinha uma historicidade da língua poética, a qual se faz na instância do poema enquanto “agenciamento particular de palavras que ganham um novo valor.” É por isso que o projeto que ali se desenha não é o de uma nova entrada da linguística na poesia, mas de uma outra linguística, a qual se volta para mais um fenômeno de linguagem, sem excluir a poesia de seus escopo através da sua superavaliação. O que a impede de se realizar é a sustentação da metafísica que motiva a continuidade de um certo discurso sobre a poesia e sobre a linguagem, com efeito algo do qual é difícil se desembaraçar. Benveniste sustenta com radicalidade ambas as posições, tanto a que destaca a historicidade do discurso poético, quanto a que essencializa a prosa e a poesia:

⁶⁰ Como ele obtém essa “denotação de emoção”? Através de seus agenciamentos particulares de palavras, que permanecem signos, mas valorizadas de uma nova maneira através de novas ligações (tradução minha).

⁶¹ Tudo está então, se há um problema linguístico da poesia, na própria natureza das palavras enquanto formantes da linguagem poética (tradução minha).

En poésie l'objet dont parle le poète n'est pas comme dans le langage ordinaire extérieur au langage, et référé par le langage : il est intérieur au langage et créé par ce langage, par le choix et l'alliance des mots.

La chose dont il traite naît de l'agencement des mots, et de là seulement. Ces mots modifiés, tout ce qu'ils expriment disparaît. (22/ fº 260)⁶²

Dessa posição ambivalente decorre a defesa, igualmente ambivalente, da não separação de forma e conteúdo no poema. Diz o linguista:

La poésie est identification de la matière linguistique à la signification des mots. Il faut que le son suggère ou imite le sens, mais le sens pris comme suggestion émotive non comme signifié lexical. [...] Il faut poser ceci au départ même de toute étude sur le langage poétique : 1) la dichotomie forme : sens a ici encore moins de sens que partout ailleurs. 2), le « sens » en poésie est intérieur à la 'forme'. (22/fº 256-7)⁶³

A dicotomia razão/emoção ao ter que dar conta do *excesso* de significação que ocorre no poema, no qual cada vez mais sentido parece estar sendo produzido através das associações que se criam, coloca à frente a ideia de que no verso o som imita o sentido, este que aqui quer dizer “sugestão emotiva.” Mas logo na nota seguinte essa distinção é exposta de forma diferente; a distinção forma:sentido faz ainda menos sentido na poesia do que “partout ailleurs”, isto é, em todos os outros fenômenos de linguagem. O que é contradito pelo ponto dois, que diz que o sentido é interior à forma, o que é apenas um retrocesso e a negação do ponto um. Em outros trabalhos Benveniste aborda a problemática do par forma/sentido, mas não me ocuparei disso agora.

Para encerrar esta primeira parte de exposição das principais linhas conceituais que guiam a entrada de Benveniste na análise da poesia, destaco a questão central dessa busca, diversas vezes repetida pelo autor: “[p]ris séparément, les mots du poète sont ceux de la langue ordinaire. Ils ne sont donc de la poésie qu'en tant qu'ils sont groupés et ordonnés” (22/fº 262)⁶⁴. É essencial manter em mente que quando se fala de palavra poética não se trata de palavras que

⁶² Em poesia, o objeto do qual fala o poeta não é, como na linguagem ordinária, exterior à linguagem e referido pela linguagem: ele é *interior* à linguagem e *criado* por essa linguagem, pela escolha e aliança de palavras. / A coisa da qual ele trata nasce do agenciamento das palavras e apenas daí. Essas palavras modificadas, tudo o que elas expressam desaparece (tradução minha).

⁶³ A poesia é identificação da matéria linguística com o significado das palavras. É necessário que o som sugira ou imite o sentido, mas o sentido tomado como sugestão emotiva e não como significado lexical. [...] é necessário estabelecer isso ao começo de todo estudo sobre a linguagem poética: 1) a dicotomia forma:sentido tem aqui ainda menos sentido que em todos os outros lugares. 2) o “sentid” em poesia é interior à “forma” (tradução minha).

⁶⁴ Tomadas separadamente, as palavras do poeta são as da língua ordinária. Então, elas só são poesia na medida em que elas são agrupadas e ordenadas (tradução minha).

são consideradas mais belas do que as do dia-a-dia ou mesmo daquelas que em sua entrada no dicionário têm a abreviação *lit.*. As palavras poéticas são criadas na organização do discurso poético, através da forma pela qual elas são agrupadas e ordenadas, afinal, é apenas nessa organização, nessa sintagmação, que é possível atribuir valor aos signos.

2.2 SOBRE BAUDELAIRE

É essencial, para colocar a parte anterior em perspectiva, entender que tudo que foi dito sobre a poesia por Benveniste é balizado pelo objeto escolhido, a língua poética de Baudelaire: “[I]a poésie a ici le visage de Baudelaire ; je parle d’elle ou de lui, sans pouvoir toujours les distinguer. La poésie, c’est la poésie plus un certain poète. [P]uisque chaque poète a sa langue poétique” (21/fº210)⁶⁵. Assim, a teorização d’A poesia confunde-se com a teorização do poema, da realização individual da organização de sentido baudelairiana, definindo-se mutuamente, enfraquecendo-se em certos pontos e reforçando-se em outros. Define:

Chez Baudelaire, poète mais aussi intelligence lucide, l’émotion est transposée en ‘réalité’ objective. C’est comme une objectivation de l’expérience la plus intime; l’émotion est convertie ou extravertie en images d’un monde qui a les apparences d’un monde réel : c’est un monde qui consiste en mers et en astres, en nuits et en parfums, en gemmes et en femmes (22/fº 263-4)⁶⁶.

O autor aplica sua ideia de “emoção transposta em realidade objetiva” em Baudelaire. Mantém a definição ordinária da poesia como “emoção íntima convertida em imagens.” No entanto, volta-se para o material linguístico não para o ler através de biografismos ou psicologismos, o que vai lhe interessar serão as relações de sentido criadas em cada poema, enquanto prática de linguagem. O estudo de um “vocabulário de Baudelaire” nesse caso não teria a intenção de definir propriamente um léxico constante, mas um espaço do trabalho poético. “Il faut donc s’adresser aux mots-clefs de cette imagination de réalité [...]” (22/fº 264)⁶⁷.

⁶⁵ A poesia tem aqui o rosto de Baudelaire; eu falo dela ou dele, sem poder sempre os distinguir. A poesia é a poesia mais um certo poeta. Visto que cada poeta tem sua língua poética (tradução minha).

⁶⁶ Em Baudelaire, poeta mas também inteligência lucida, a emoção é transposta em “realidade” objetiva. É como uma objetivização da experiência mais íntima; a emoção é convertida ou expressa em imagens de um mundo que tem as aparências de um mundo real: é um mundo que consiste em mares e astros, em noites e perfumes, em gemas e mulheres (tradução minha).

⁶⁷ É necessário então se dirigir às palavras chave dessa imaginação de realidade (tradução minha).

Nas notas 268-271, recorte especulativo, podendo ser maior ou menor, há uma sequência intitulada *Fondement de la poétique baudelairienne*, no qual Benveniste estabelece o que, para ele, é o princípio organizador dos poemas de Baudelaire: “[t]oute l’attitude de Baudelaire à l’égard du monde, de la vie, de l’homme trouve son unité dans ce principe: Baudelaire veut mettre en correspondance et en harmonie la nature du monde et la nature de l’homme” (22/fº 268)⁶⁸. Para demonstrar essa afirmação, o linguista recorre às associações mais ou menos recorrentes de palavras em Baudelaire:

Cette unité et cette harmonie sont de plusieurs ordres :

Chez Baudelaire il n’y a pas d’objets . Les choses n’existent pas pour elles-mêmes. Elles ne sont données que par et pour les sentiments qu’elles suscitent en l’homme [...]. Il n’y a pas d’arbres, de forêt : les exemples de ‘forêt ’ sont tous les équivalents de la chevelure, ‘forêt aromatique’. Les ‘bois’ n’abritent que des chasseurs et retentissent de cors.

Il n’y a pas de ‘source’ (1 seule fois), ni de ‘rivière’ (1 seule fois) les ‘fleurs’ ne sont que métaphoriques.

Baudelaire ne s’intéresse qu’aux lacs qui sont encore miroirs ou transparences , aux grandes eaux en mouvement , et enfin et surtout à la mer [...]. (22/ fº 269-70)⁶⁹

Interessante notar que mesmo referindo-se a uma individualidade radical da expressão poética, a abordagem tem uma base estatística, enumerando os empregos lexicais e destacando aqueles que destoam da média, seja por um emprego raro ou constante. Isso porque Benveniste não dissocia a obra do poeta, entendida como um conjunto, de seus poemas. Não propõe a análise isolada de um poema. “Il est vain de traiter de la langue poétique si on ne définit au préalable la nature, l’attitude et le dessein du poète. Cela est même doublement nécessaire, car autrement le processus linguistique ne peut être élucidé” (22/fº 275)⁷⁰, afirma.

⁶⁸ Toda a atitude de Baudelaire a respeito do mundo, da vida, do homem, encontra sua unidade nesse princípio: Baudelaire quer colocar em correspondência e em harmonia a natureza do mundo e a natureza do homem (tradução minha).

⁶⁹ Essa unidade e essa harmonia são de diversas ordens: / Em Baudelaire não há objetos. As coisas não existem por elas mesmas. Elas são dadas apenas para e pelos sentimentos que elas suscitam no homem [...]. Não há árvores, floresta: os exemplos de “floresta” são todos equivalentes à cabeleira, “floresta aromática”. Os bosques apenas abrigam caçadores e ecoam berrantes. / Não há “fonte” (1 única vez), nem “rio” (1 única vez) as flores são apenas metafóricas. / Baudelaire se interessa apenas pelos lagos que são espelhos ou transparências, pelas grandes águas em movimento e enfim e sobretudo pelo mar (tradução minha).

⁷⁰ É vão da língua poética se não se define previamente a natureza, a atitude e o propósito do poeta. Isso é mesmo duplamente necessário, pois senão o processo linguístico não pode ser elucidado (tradução minha).

Vejam os alguns exemplos mais pontuais de análises realizadas pelo autor. Nenhuma análise, assim como todas as outras passagens citadas até o momento, é mais do que um esboço, assim que não se pode dar um peso teórico muito grande a elas. O objetivo é simplesmente ressaltar alguns dos pontos assinalados por Benveniste, de modo a recensar quais eram as características dos poemas de Baudelaire que lhe chamavam atenção.

Na folha de número 278 se trata do poema *La mort des amants*, o qual abre a quinta parte de *Les fleurs du mal*. Poema curto, composto de 2 quartetos e 2 tercetos, com padrão de rima não fora do comum para o formato (ABABCDCDEEFGFG). O linguista sublinha, primeiramente, o emprego do futuro simples no poema, dizendo que ele constitui um “futur à plusieurs échelons”⁷¹, o qual organiza as ações do poema. Em segundo lugar, ocupa um espaço maior de sua nota a análise da descrição do ambiente no qual se desenrola a cena do poema. Ele marca ao longo do poema os termos que sugerem “suggestions des parfums, d’anéantissement doux, de charme étrange et exotique”⁷², destacando aqueles que parecem receber um valor diferente do ordinário na relação em que estão colocados. Da terceira estrofe, por exemplo, ressalta *un soir*, enquanto marca de temporalidade, mas também na relação proposta no poema entre um brilho único e um longo soluço, carregado de adeus⁷³.

Análise ainda mais vaga é a que encontramos na folha 35. Nessa, se fala do poema *Le Balcon*. Para cada uma das seis estrofes, Benveniste destaca algumas palavras ou sintagmas. Na quarta estrofe, por exemplo, é ressaltado “nuit s’épassissait”, “boire ton souffle”, “tes pieds s’endormaient dans mes mains”⁷⁴. Essas expressões são dadas como exemplo de um procedimento em Baudelaire que o linguista chama de “pregnâncias afetivas”, isto é, algo como a atribuição de afeto a “objetos”. Esse procedimento que Benveniste identificaria está na continuidade tanto de sua teoria sobre a poesia em geral como a sobre a obra do poeta. Para ele, como já dito, Baudelaire visa sobretudo a construção de uma harmonia, na forma de espelhamentos e continuidades entre o poeta, figura subjetiva, e o mundo externo, assim como entre os homens e o mundo. Essas “pregnâncias afetivas” seriam as marcas da percepção do mundo pelo poeta. Isso não teria nada de especial em termos de escritura poética, pois parece ser uma afirmação genérica sobre a poesia. O que diferencia a análise é o trabalho sobre um léxico

⁷¹ Futuro a diversos níveis (tradução minha).

⁷² Sugestões de perfumes, de doce destruição, de charme estranho e exótico (tradução minha).

⁷³ A estrofe é: “Un soir fait de rose et de bleu mystique, / Nous échangerons un éclair unique, / Comme un long sanglot, tout chargé d’adieux.”

⁷⁴ A noite engrossava / beber teu hálito / teus pés adormeciam em minhas mãos (tradução minha).

específico, recorrente na obra do poeta. Ao se debruçar sobre a “língua” de Baudelaire, Benveniste sai da metafísica da poesia.

Na folha 37 o poema em questão é o *Spleen* nº LXXX (identificado na nota como 78, talvez por uma diferença de edições ou mero engano). Diferente de outras análises, o que é colocado em destaque aqui não são algumas palavras, mas alguns introdutores de comparação: *comme, changée, imite, ainsi que*. Interessante perceber que essas expressões não pertencem a uma mesma classe gramatical, mas exercem uma função semântica similar no discurso poético e por isso são agrupadas. Benveniste opõe no poema as comparações e as personificações (*l'Espoir pleure, l'Angoisse plante*). Como na análise anterior, é possível situar esse rascunho dentro do contexto teórico proposto por Benveniste, mas não é possível apontar aonde chegaria o estudo.

Outras análises não possuem nem um mínimo de informação, como as anteriores. Na folha de número 316, por exemplo, Benveniste propõe uma divisão dos poemas de Baudelaire em “le discours sur le poète, sur les choses, et le discours du poète, des choses”,⁷⁵ completando que “[d]u premier type relève l’Albatros. Du second, Harmonie du soir”⁷⁶. No entanto, o sintagma “Leurs différences:”⁷⁷, o qual deveria introduzir o começo de uma lista, não tem continuação.

Esses curtos exemplos pretendiam sugerir qual o possível procedimento de análise que seria incitado pela teoria proposta sobre a poesia e o poema. Sendo essas folhas apenas rascunhos, as suposições são circunstanciais, duvidosas, mas tentei situar o procedimento dentro do espaço conceitual proposto.

2.3 A POÉTICA DE BENVENISTE

O que a leitura nos aponta, finalmente, é que Benveniste não consegue sair da distinção prosa /poesia como equivalente de racional/afetivo (cf. 20/208). Na folha 284 essa oposição toma outra forma recorrente, aquela entre compreensão e percepção, distinguindo o raciocínio e o instintivo. É curioso que para conseguir dar ares de validade a essa divisão intransponível, Benveniste tem de reduzir a “linguagem ordinária” a algo que não é o que ele defende em diversos de seus textos: “Il n’y a donc plus de « signes » communs à tous les locuteurs,

⁷⁵ O discurso sobre o poeta, sobre as coisas e o discurso do poeta, das coisas (tradução minha).

⁷⁶ Do primeiro tipo vem *O Albatros*. Do segundo *Harmonia da noite* (tradução minha).

⁷⁷ Suas diferenças: (tradução minha).

communiquant à tous un concept identique, mais autre chose qui n'est pas de l'ordre de la dénomination, mais de la suggestion" (20/fº 205)⁷⁸. A tentativa de definir ambos os campos a partir dessa separação acaba ferindo outros princípios já estabelecidos pelo autor, como o da primazia da significação sobre o da designação em toda a linguagem.

Essa via de análise acaba por se provar improdutivo, as questões dão voltas ao redor de si mesmas. Porém a pergunta se mantém forte e é ela que anuncia, em um duplo movimento, a possibilidade de uma linguística e de uma teoria literária renovadas:

Il est bien certain que le matériel linguistique dont le poète se sert est celui du dictionnaire. Sauf exception rare, tous les mots de Baudelaire, de Mallarmé, sont individuellement dans le dictionnaire. Il n'y a aucune forme verbale nouvelle, la rection des prépositions est la même, etc. Et cependant ce n'est pas la même langue. Pourquoi ? (20/fº206)⁷⁹

É essa questão que mantém a vitalidade do pensamento de Benveniste sobre a poesia e que deve motivar futuros estudos. O trabalho poético sobre a língua é algo ímpar, sem dúvida, porém é necessário ultrapassar a dicotomia que a divide das outras práticas de linguagem, para que uma teoria da linguagem possa também ser uma teoria da literatura. Justamente sobre essa abordagem da expressão poética, diz Henri Meschonnic que "toutes les figures d'opposition binaire entre la prose e la poésie, du non-vers au vers, du rationnel à l'irrationnel, ne font que renforcer le piège où la poésie a été mise par la stratégie du signe. La poétisation de la poésie est le signal de la déshistoricisation du langage" (1982, p. 504)⁸⁰. É no contexto dessa crítica que considero ambivalente e improfícua a posição de Benveniste que ao mesmo tempo essencializa a poesia e radicaliza a individualidade do poema. A segunda posição é a que nos indica caminhos para um trabalho diferente sobre o fazer poético. Análoga ao seu trabalho sobre o discurso ele sublinha a maneira através da qual o sujeito se inscreve na linguagem.

Apesar de ter me focado nesses pontos dos manuscritos, é importante lembrar que isso não esgota o que eles têm a nos oferecer. Existe nele um trabalho sobre a terminologia da

⁷⁸ Não há mais "signos" comuns a todos os locutores, comunicando a todos um conceito idêntico, mas outra coisa que não é da ordem da denominação, mas da sugestão (tradução minha).

⁷⁹ É certo que o material linguístico do qual se serve o poeta é aquele do dicionário. Salvo rara exceção, todas as palavras de Baudelaire, de Mallarmé, estão individualmente no dicionário. Não há nenhuma forma verbal nova, a recção das preposições é a mesma etc. E no entanto não é a mesma língua. Por quê? (tradução minha).

⁸⁰ Todas as formas de oposição binária entre a prosa e a poesia, não-verso e verso, do racional ao irracional, apenas reforçam a armadilha na qual a poesia foi colocada pela estratégia do signo. A poetização do poesia é o sinal da deshistorização da linguagem (tradução minha).

linguística, além da relação já apontada entre signo e palavra. Em uma série de folhas, por exemplo, Benveniste desenvolve o conceito de ícone, como um possível substituto do signo no contexto da poesia. No entanto, esse termo é fortemente desenvolvido sobre a oposição racional/emocional, afirmando que “[l]e poète crée la réalité individuelle, instantanée dont il parle, alors que la langue ordinaire présente une seule et constante catégorisation du monde, la même pour tous” (22 / f° 282)⁸¹. Não discordo que o poeta, ao fazer sua língua, proponha uma visão única do mundo, porém dizer que na “língua ordinária” existe uma única e constante categorização do mundo é exemplar das incongruências nas quais o linguista incorre ao tentar reforçar essa divisão intransponível.

O objetivo de alcançar uma teoria da linguagem que seja alimentada por uma teoria da literatura e a motiva, visto que ela é, assim como o discurso cotidiano, um trabalho de língua está, deve estar, presente no trabalho do linguista. Para que ela seja significativa, porém, não basta o trabalho sobre a morfologia ou a fonética de certo poema ou a elaboração de conceitos e não-conceitos sobre a poesia. Como qualquer prática de linguagem, a inscrição de um sujeito não se faz em um ou outro nível, não é identificável nessa ou naquela construção sintática ou em um termo ou outro. Ela acontece ao mesmo tempo em todos os níveis, de modo que não há níveis no discurso, poético ou não, a língua só sabe significar.

⁸¹ O poeta cria a realidade individual, instantânea, da qual ele fala, enquanto a língua ordinária apresenta uma única e constante categorização do mundo, a mesma para todos (tradução minha).

3 UMA ANTROPOLOGIA SEMÂNTICA

“il n’y a pas de savoir sur
le langage
qui ne soit en même temps
un savoir sur le sujet du langage.
C’est-à-dire qui ne représente en même temps
un savoir sur
l’individu,
la société et
leurs rapports” (DESSONS, p. 212)

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentei diferentes leituras da obra de Benveniste, poucos exemplos de uma fortuna crítica vasta. É possível observar, a partir dessas leituras, que o legado de Benveniste é variado e até mesmo contraditório⁸². Além disso, fica claro que não importa apenas quais textos são eleitos para análise e como eles são colocados em relação, mas é igualmente essencial as concepções de linguagem e do próprio fazer científico que são postas a funcionar na atividade do comentário. Assim, são fatores igualmente importantes o corpus de trabalho e se o analista parte do pressuposto que os limites da linguística estão claramente delimitados pelas chamadas humanidades, ciências sociais e filosofia, ou ainda se o objetivo principal é o de apresentar uma teoria com o mínimo de conceitos e axiomas, com um objeto homogêneo etc., isto é, pressupostos comuns de cientificidade.

A variedade das leituras não implica a validade de todas elas. O julgamento do valor das diferentes interpretações de Benveniste, não só as apresentadas aqui, para mim, não é feito em relação ao quanto as abordagens condizem com o que o linguista poderia querer dizer ou não, ou mesmo à lógica interna das argumentações. O que me interessa é o quanto cada leitura nos permite perguntar não sobre Benveniste, mas sobre a linguagem.

O segundo capítulo tratou de *Baudelaire*, os manuscritos deixados por Benveniste de um artigo inacabado sobre a linguagem poética. A importância que dou a esse trabalho não é a de seu sucesso ou insucesso em abordar a literatura através de conceitos da linguística, mas a de a incluir entre os fenômenos de linguagem. Além disso, a abordagem de Benveniste da poesia de

⁸² Henri Meschonnic, no artigo *Seul comme Benveniste ou comment la critique manque de style*, argumenta que a amplitude da recepção esconde uma ausência de tradição, pois não haveria, de fato, continuadores do pensamento de Benveniste.

Charles Baudelaire, aponta caminhos não apenas para a análise literária, mas para a análise do discurso. A forma como ele teoriza a realização linguística individual nos indica caminhos para a análise mais ampla dos fenômenos e práticas de linguagem: a tradução, o ensino, o juramento, a reza.

Esse é o balanço dessas primeiras notas para uma antropologia semântica. Apenas no que diz respeito à obra de Benveniste, ainda há muito a ser revisitado ou mesmo explorado praticamente pela primeira vez. Sem dúvida, os trabalhos de análise linguística, sincrônica ou diacrônica, das mais diversas línguas realizados pelo autor têm muito a nos ensinar sobre a sua epistemologia e sobre como encarar os fenômenos humanos, isto é, significantes. Penso assim pois neles se nota a recorrência de um procedimento: o autor não se ocupa em aplicar um modelo de análise pronto ou lançar as bases de uma teoria. Cada um desses textos visa a nos mostrar mais uma nuance da capacidade humana de simbolizar. Em *La classification des langues*, Benveniste apresenta, de certa forma, os pressupostos desse procedimento:

Le donné linguistique est un résultat, et il faut chercher de quoi il résulte. Une réflexion un peu attentive sur la manière dont une langue, dont toute langue se construit, enseigne que chaque langue a un certain nombre de problèmes à résoudre, qui se ramènent tous à la question centrale de la « signification ». Les formes grammaticales traduisent, avec un symbolisme qui est la marque distinctive du langage, la réponse donnée à ces problèmes ; en étudiant ces formes, leur sélection, leur groupement, leurs organisations propres, nous pouvons induire la nature et la forme du problème intra-linguistique auquel elles répondent. Tout ce processus est inconscient, difficile à atteindre, mais essentiel. (PLG I, p. 117)⁸³

Assim, através de uma análise linguística que se volte ao problema da significação, verificando como as formas linguísticas se agrupam, se organizam, é possível alcançar o problema intralinguístico que motiva tal funcionamento. Os exemplos ao longo dos trabalhos de Benveniste, quase sempre contrastando diferentes línguas, são numerosos: a expressão da possessão, as marcações verbais, formas de composição nominal. Essa ainda é uma linguística em busca de universais linguísticos. O que não está em contradição com a ênfase dada ao

⁸³ O dado linguístico é um resultado e é necessário busca do que ele resulta. Uma reflexão pouco atenta sobre a maneira pela qual uma língua, pela qual toda língua se constroi, ensina que cada língua tem um certo número de problemas a resolver, que se voltam todos à questão central da “significação”. As formas gramaticais traduzem, com um simbolista que é a marca distintiva da linguagem, a resposta dada a esses problemas; estudando essas formas, sua seleção, seu agrupamento, suas organizações próprias, nós podemos inferir a natureza e a forma do problema intra-linguístico ao qual elas respondem. Todo esse processo é inconsciente, difícil de alcançar, mas essencial (tradução minha).

indivíduo e sua enunciação particular. Os universais visados são de significação, por isso discursivos. Possibilidades de uma capacidade humana, e não de um dispositivo produtor de frases.

Na continuidade desse projeto, o *Vocabulaire des institutions indo-européennes* também nos sugere a possibilidade de uma teoria que não separe homem, linguagem e sociedade. Nos dois volumes da obra, Benveniste se ocupa de demonstrar a continuidade entre esses três aspectos da humanidade. No capítulo intitulado *La fidélité personnelle* do primeiro volume, por exemplo, o autor analisa simultaneamente o sistema de vocábulos e a instituição social do **hari-*, raiz das línguas germânicas que forma os termos para exército, líder, soldados etc. Ele traz dados de diferentes naturezas para desenvolver o estudo: as formas que essa raiz tomou em diversas línguas germânicas, as descrições do comportamento de tribos germânicas realizadas por Tácito em *De origine et situ germanorum* e o lugar de Odin na mitologia germânica. Afirma, então, “[d]ans ce complexe linguistique, ethnographique et mythologique, on découvre la structure et la fonction du Heer qui est tout autre chose que l’exercitus des Latins ou le laós grec” (p. 113)⁸⁴. Assim, observa-se que o autor não estabelece uma ordem de engendramento entre esses três aspectos, mas os coloca lado a lado, como determinações mútuas e simultâneas do estado de uma instituição. Além disso, a partir dessa mesma perspectiva, ele compara as instituições germânicas, latinas e gregas do exército, demonstrando que apesar de, de nossa perspectiva, se poder falar em uma similaridade do referente, um exército, as instituições são completamente diferentes, devido a essa constituição social e individual. Os comentários de Benveniste sobre as traduções da Bíblia são muito ricos nesse tipo de perspectiva.

Retomo a epígrafe do trabalho: “la distance à parcourir a moins d’importance que la direction où s’orienter”. Os caminhos apontados aqui são, em sua maioria, ainda desconhecidos, apenas sugeridos. É difícil mesmo apontar os instrumentos necessários para cartografá-los, uma vez que se tente trilhá-los. No entanto, é um pensamento que se coloca como um desafio. Para si e para a linguística. Sem dúvida, fazer uma linguística que se chama antropologia carrega em si um desafio às humanidades, não na forma de uma provocação polemista, mas na de um questionamento dos pressupostos essenciais das humanidades na sua versão institucionalizada e na variedade decantada que integra o senso comum.

⁸⁴ Nesse complexo linguístico, etnográfico e mitológico, descobre-se a estrutura e a função do *Heer*, que é algo totalmente diferente do *exercitus* dos latinos e do *laós* grego (tradução minha).

BIBLIOGRAFIA

BENVENISTE, Émile. *Baudelaire*. Paris: Lambert-Lucas, 2011.

_____. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris: Gallimard, 2010, p. 237 – 50.

_____. *Problèmes de linguistique générale, 2*. Paris : Gallimard, 2008, p. 215 – 39.

_____. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes : sommaires, tableau et index établis par Jean Lallot*. Paris : Minuit, 1969.

CRICK, Malcom. *Explorations in language and meaning: towards a semantic anthropology*. London: Malaby Press, 1976.

DESSONS, Gerard. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Paris: In Press, 2006.

KUHN, Thomas S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

LAPLANTINE, Chloé. *Émile Benveniste: poétique de la théorie*. Paris: Ecole doctorale Pratiques et Théories du sens, 2008 (tese de doutorado).

NORMAND, Claudine. Langue, parole, sujet chez saussure et benveniste. IN: *DELTA* [online]. São Paulo: 2011, vol. 27, n.1, pp. 99-119.

_____. Émile Benveniste : qual semântica?. IN: _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 153-72.

_____. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. IN: *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 2009.

MESCHONNIC, Henri. Benveniste: sémantique sans sémiotique. IN: *Dans le bois de la langue*. Paris: Laurence-Teper, 2008.

_____. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Lagrasse: Verdier, 1982.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Paris: Lambert-Lucas, 2007.

SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. New York : Harcourt, Brace & World, 1949.

STAROBINSKI, Jean. *Les mots sous les mots : les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

TOLEDO, Dionísio (org.). *Círculo lingüístico de Praga : estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.

VEYNE, Paul. *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes?*. Paris: Seuil, 1983.